

DOCUMENTÁRIO

DICIONÁRIO DO “DIÁRIO RESUMIDO E HISTÓRICO” DE JOSÉ SALDANHA.

WALTER SPALDING

da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O *Diário Resumido e Histórico*, ou *Relação Geográfica das Marchas e Observações Astronômicas com algumas Notas sobre a História Natural do País*, de autoria de José de Saldanha, da *Primeira Divisão de Demarcação — Campanha 4ª de 1786 para 1787*, apesar de publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional* (1), é de difícil leitura por ser já raridade. A publicação nos *Anais* referidos vem acompanhada do mapa feito em 1777, muito interessante e elucidativo, e pelo qual se pode, perfeitamente, estabelecer o itinerário da marcha e localizar os acidentes e as paradas ou acampamentos, de vez que, grande parte dos nomes que Saldanha menciona, estão, desde muito, mudados.

Ao terminar seu precioso *Diário*, declara Saldanha —

“Os meses de inverno se empregaram na fatura do mapa desta campanha e na composição dos Diários, dando-se princípio à seguinte, em o mês de novembro deste ano, com a colocação de dez marcos, e a continuação das operações topográficas, cuja explanação se reserva para o futuro Diário” (pág. 301). E encerra-o com êstes dizeres: “Acampamento Geral do Monte Grande, 10 de novembro de 1787. — Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara — José de Saldanha”.

O mapa em apreço é conhecido por “Mapa de Veiga Cabral”.

Foi em virtude da raridade da obra e de sua valiosa contribuição lingüística, etnográfica, geográfica, histórica e zoológica, que resolvemos fazer, com palavras do próprio autor, o presente *Dicionário*. Considerando-se bem, José de Saldanha foi o primeiro regionalista

(1). — Volume LI (págs. 135 a 301) — Rio de Janeiro, 1938.

gaúcho e, mesmo, o primeiro que escreveu sôbre a vida, usos e costumes do nosso homem do campo, descrevendo pela primeira vez o tipo “gaúcho” com suas características.

No referido *Diário Resumido*, — resumido por ser realmente resumo do muito que poderia fazer e dizer, — faz José de Saldanha referências a outro *Diário* da expedição anterior e prometia outro da seguinte e mais uma *História Natural* do Rio Grande do Sul. Entretanto, nenhuma destas obras são conhecidas. Onde teriam ficado? Existirão ainda em algum arquivo em Portugal ou foram extraídos?

José de Saldanha faleceu em Pôrto-Alegre como Major do Real Corpo de Engenheiros, a 28 de maio de 1808, mas seu Arquivo, por ordem real, foi enviado para Lisboa. De lá nos veio a cópia do presente *Diário Resumido* e mais nada. Onde estará o restante de seu arquivo? E o Arquivo das anteriores comissões demarcadoras?

Se tivéssemos pelo menos mais o primeiro *Diário* a que faz diversas referências como esta da pág. 169 — nota —

“Da coxilha áspera de Santa Maria já se tratou no Diário antecedente dos dias 6 e 10 de março dêste ano” (1786) —,

muito mais completo poderia ser o presente *Dicionário*, pois de muitas palavras, sobretudo indígenas, faltam as explicações que, afirma, haviam sido feitas no *Diário* anterior.

Entretanto, o que para aqui transportamos é valioso e prova, cabalmente, o grande interêsse do engenheiro José de Saldanha —

“Bacharel em Filosofia, formado em Matemática, Geógrafo e Astrônomo de Sua Magestade Fidelíssima, na 1a. Partida”, —

pelas cousas do Rio Grande do Sul, que êle descreveu com carinho e entusiasmo, embora numa linguagem um tanto gongórica, retorcida, com inversões forçadas na frase.

José de Saldanha nasceu em Lisboa pelo ano de 1758. Foram seus pais o dr. Duarte Rebelo de Saldanha e D. Leonor Teresa da Silva.

Bem moço ainda, recém-formado e casado, veio para o Brasil, diretamente para o Rio Grande do Sul, onde casou novamente. Sua vida de casado foi uma verdadeira complicação. Empregado nas comissões demarcadoras como geógrafo e astrônomo, atuou de 1786 a 1788, nas duas primeiras Partidas Demarcadoras.

Inteligente, culto, observador perspicaz, Saldanha aproveitou a oportunidade para deixar em seu *Diário* tudo quanto de notável ia verificando. Aliás, êsses *Diários* foram a base dos relatórios do che-

fe das Partidas e, parece, que déles faziam parte integrante. Mas, lamentavelmente, só um, ao que tudo indica, se salvou — o da Primeira Divisão — Campanha 4^a — de novembro de 1786 a novembro de 1787.

A large, stylized handwritten signature in black ink, reading "José de Saldanha". The signature is written in a cursive, flowing style with long, sweeping lines, particularly in the final flourish.

Assinatura de José de Saldanha, Capitão de Infantaria com o exercício de Engenheiro e de Astrônomo, empregado por Sua Majestade no Serviço da Demarcação de Limites.

O Capitão Alexandre Montanha foi o primeiro urbanizador de Pôrto-Alegre, construtor e planejador das primeiras obras para o estabelecimento definitivo da capital gaúcha, a 25 de julho de 1773. As obras começaram, por ordem do então Governador José Marcelino de Figueiredo, em 1772, com levantamento topográfico e planejamento de ruas e prédios oficiais: — Catedral, Palácio, casa da Real Fazenda, — arruamento e planificação da nova capital. Esta primeira planta de urbanização foi perdida e dela somente temos notícias muito vagas, bem como ficou perdida a segunda, feita exclusivamente por José de Saldanha, em 1805, de ordem do então governador Paulo José da Silva Gama.

Existem, entretanto, uma série de pareceres firmados por Saldanha no Serviço de Documentação da Prefeitura Municipal de Pôrto-Alegre, sobre diversos assuntos de terras e localizações, não só da capital como de vários pontos do interior sul-rio-grandense que êle conhecia como poucos.

Precioso, como veremos por êste simples *Dicionário* incompleto pois que apenas apanhamos o que ficou definido pelo Autor, — é o *Diário Resumido*, porque tôdas as suas informações foram colhidas nas fontes. E neste particular, como muito bem o afirma Rodolfo Garcia na "Explicação" da edição dos *Anais da Biblioteca Nacional*, o

"Diário de José de Saldanha é o documento de maior valia de quantos foram feitos na época".

Para maior facilidade e maior clareza, procuramos, após a explicação dada por José de Saldanha, citar também, sempre que pos-

sível ou necessário, um trecho do texto, tudo, sempre, com indicação da página em que se encontra na citada edição dos *Anais da Biblioteca Nacional* (2). Como em muitas explicações há referência a palavras ou termos, nós os citamos mandando o leitor ao verbete geral, o mesmo acontecendo com certas palavras grafadas diferentemente do que hoje usamos. Aliás, a grafia de José de Saldanha seria, hoje, quase incompreensível. Por isso a modernizamos, sempre que possível, deixando, entretanto, os nomes indígenas, no geral, com a grafia adotada por José de Saldanha.

— A —

Aceguá — Veja o verbete *Yaceguá*.

Albardão — Iombo mais elevado, ou seguido do terreno e que separa as caídas das águas para diferentes bandas. Os espanhóis lhe chamam "coxilhas", palavra também usada entre nós neste Continente do Sul. As diversas alturas delas lhe dão o nome de Iombas, que corresponde às nossas montanhas, ou em termos próprios de geografia — colinas — e quando estas são demasiadamente erguidas ou escabrosas, se conhecem aqui por cêrros (pág. 168) — Neste dia se deu princípio à viagem pelo Albardão ou Coxilha chamada do Baltazar, e se acampou perto da Estância ou Fazenda do velho Garcia (3).

Añaciba — Em nota à pág. 246 explica: Ler como se estivesse escrito Anhácelá. Na pág. 247: Os índios tapes os apelidam (os três cêrros, um agudo, um cônico e outro como um túmulo) no seu idioma — Añaciba — isto é — Cabeça do Diabo — por que Anang — quer dizer diabo, — e Ciba — cabeça. Êles na composição deste nome suprimem as últimas duas letras "ng" da primeira palavra.

Antas — De altura de um ordinário jumento, mas de pés mais grossos e curtos, de côr escura e pêlo delgado, pouco e ralo, cheio de corpo e algum tanto levantado das costas; a tábua do pescoço, ainda que grossa e curta, contudo alguma cousa chata e boleada, ou arqueada pela parte superior onde representa uma espécie de crina muito tosquiada. As orelhas pequenas e redondas, como a dos gatos ou tigres. A cabeça sôbre o comprido, terminando-se o queixo superior em beijo e nariz, mais extenso que o inferior cousa de meio palmo, brando e móvel e musculoso, com o qual chega para os dentes a mole relva. A cauda é demasiadamente curta pois não chega a um palmo, sem sedas ou cabelos compridos. Nos pés têm três dedos calçados com as suas unhas como as dos porcos, e nas mãos quatro, todos virados para diante. Os dentes dianteiros, quatro de cima e outros tantos de baixo, como os dos ma-

(2). — Vol. LI — 1938.

(3). — A todo o sistema de serras que cruzou, José de Saldanha denomina Albardão, dentro da definição que acima deu.

cacos, os caninos cônicos e puco maiores, e os molares, por todos no número de 16 — como os dos cavalos. Tem grande analogia as suas criações e partes genitais com os animais cavallares. Pare uma só cria e esta à semelhança dos pequenos veadinhos, listrados ao comprido com riscas amarelas, antes da primeira muda. O couro dêstes animais é de uma incrível grossura principalmente nas costas onde chega a ter mais de meia polegada. Habitam no mais interior dos bosques, saindo a passear sòmente de madrugada, e quase à noite. Mergulham muito nas lagoas e rios. (pág. 186). — O seu arvoredado ainda que não é demasiadamente largo, sempre é suficiente para dar jazigo às antas, porcos do mato e outros animais (4).

Apicasuro — Diz a nota que se deve pronunciar como se fosse escrito entre nós — Apucassuró, — e explica, pág. 246: — Apicasu — significa na língua guarani — pombas — e ro — casa — donde se forma o seu nome Apicasuro ou Casa de Pombas (5).

Araricá — À página 286: discutido o significado da palavra Araricá, não deixa (como sempre) de se oporem diferentes opiniões: Alguns, dos índios guaranis querem que seja a tradução sòmente com o nome de Serra — e têm a seu favor o seguir êste rio quase sempre confundido com o mato da mesma Serra. Outros pretendem que êle tome o apelido das Araras do mato, que não faltam ali no seu próprio tempo, compondo a dicção de Arari — caa — ou — araras-bosque. Mas para isso seria indispensável o escreverem-no com dois “aa” no fim, o que não succede. Ateimam outros, e creio que com mais razão, pela idéia da troca das palavras, que êles costumam, que êste vocábulo exprime — Parada de Dia — ou — Parada de um Dia —, é certo que entre êles “ara” é dia — “rica” parada. Porém o motivo ou causa de semelhante dicção nem êles sabem explicar, nem se pode deslindar, remetendo-o por consequência, a algum successo particular dos primeiros nomencladores. — Êste rio, entre os portuguezes, só é conhecido presentemente, com o nome Bacacai-miri.

Arroios do Cemitério e da Cruz — Veja o verbete *Enforcados* (6). Veja, também, o verbete *José Minuano*. — À pág. 186 diz Saldanha: Abaixo do Passo dos Enforcados (...) entra no Ycabacá pela mesma margem do sul, o arroio do Cemitério, cujo não

-
- (4). — Fala o Autor das margens do arroio do Cemitério, afluente do Camaquã.
(5). — Diz Saldanha que Apicasuro é o nome de um cêro entre as barras do Toropi e do Jaguarí. Com relação às pombas que entram na composição do nome, comenta Saldanha. As pombas que êles querem explicar nesta palavra, não são as domésticas, porém, sim as do campo e dos bosques, do tamanho daquelas e semelhantes às rolas e de côr cinzenta (pág. 246).
(6). — Os arroios do Cemitério e da Cruz, — apesar de José de Saldanha nada explicar, — devem seus nomes, certamente, ao mesmo acontecimento que narra na pág. 187, referente ao Passo dos Enforcados, no rio Camaquã, e não muito distante dos referidos arroios. São outros tantos nomes que recordam e explicam uma época de lutas sem tréguas, de crê ou morre.

veem das Coxilhas Gerais, mas sim da dicotomia de outras, a sua direção geral é de nordeste.

Arroio da Fazenda — ou *Do Meio* — é um galho do sul do Piratini menor, ou mais setentrional (pág. 169). — Adiante da Estância de Miguel Aires se voltou sôbre a esquerda, ou para o sul, e se passou o Arroio da Fazenda... (7).

— B —

Bacaberá — Veja o verbete *Mbacaberá*.

Bagê — Veja o verbete *Mbayé*.

Bagual — Baguais são cavalos chimarrões, ou bravos, dispersos pelo campo. Esta palavra de que tanto se usa neste Continente do Sul, traz a sua origem no nome "Baguales" com que se explicam os espanhóis. Causa admiração o áspero modo com que amansam os cavalos novos logo que os encilham ou montam, deixando à segurança e agilidade do ginete sofrer tôda a braveza dos potros (pág. 239). — Do outro lado desta sangá, pela lomba a ela so-branceira, baixa um grande capão de mato, junto ao qual e sôbre a colina, tinham também pousado neste dia uma partida de Mí-nuanos, que iam à corrida de gado e baguais. (Veja o verbete *Gado Algado*).

Baibera — Veja o verbete *Mbaebersa*.

Batalha de Caibaté — Assim se refere Saldanha àquela violenta chacina de fevereiro de 1756: — Uma antiga cruz de madeira ali persiste por monumento de mais de mil e setecentos índios que os efeitos sentiram das mortíferas e para eles desconhecidas balas; para a banda do nascente baixa a canhada de Caaybaté uma sanga que de sepultura serviu a tantos infelizes. As águas do seu sangue tintas ao Mar chegariam depois de terem corrido pelo Bacacay, Yacuy, Lagea dos Patos e Rio Grande (7a).

Batovi — *Mbatobi* — é um cêrro dêste nome de que adiante trataremos. A pronúncia dêle é como se fôsse escrito *Botobi* (pág. 206). — "Do Cêrro de Mbatobi" (pág. 219) — ... No vértice da montanha do poente se encontra uma cruz de pau já carcomida pelo tempo e com seus letreiros em guarani pouco perceptíveis, e ainda menos os que se acham escritos em algumas pedras que compõem outra cruz que ali há esculpida sôbre a terra e virada para o

(7). — José de Saldanha aplica indiferentemente os nomes de "estância" e "fazenda" para as propriedades rurais. O ponto que o Autor aí descreve fica bem próximo da atual cidade de Piratini, pouco abaixo do denominado "Passo".

(7a). — Junto desta cruz plantaram os índios tapes, haverá três anos, um pessegueiro do qual principiavam outros a procriar, alguns pés de milhos, de H-moeiros, açucenas brancas e mongangas, cobrem o limitado espaço imediato à cruz e cercado de uma curta estacada, em quadro, que o livra do dano da eguada e gado bravo (pág. 230) — Veja o verbete *Caibaté*.

Norte, no comprimento de uma sepultura: este espaço retangular está limpo de grama ou "capim" que costuma nêstes Países cobrir a superfície do campo, donde é de presumir que os índios se servissem dêste lugar para os seus enterros (...). Não há quem dê a verdadeira etimologia a êste nome Mbatobi; sabe-se sòmente que é pela figura alta e própria que os tapes assim o chamaram, da mesma sorte que dissemos de Mbayé. — À pág. 245: — O Cêrro Mbatobi de San Angel está igualmente naquela campanha (...). êle tem a figura piramidal cônica e aguda. O seu nome se compõe parte do guarani, parte do espanhol; já se explicou a palavra Mbatobi, os castelhanos lhe juntaram a êste cêrro o de San Angel (8).

Bolapé — é a palavra com que explicam a altura d'água nos passos dos arrojos ou rios, quando dá pelas costas e anca do cavallo, de sorte que com pouco mais nadaria. — O Passo do Bacacai, chamado de São Jerônimo, posto que espraído e praticável para carros e carretas, junta bastante porção de água, e ainda de Verão está sempre quase a bolapé (pág. 227).

Bolas — Veja o que a respeito diz Saldanha no verbete *Minuanos*.

— C —

Caaguasu — Da parte de leste desta encruzilhada, estão outros capões de mato que também se divisam de longe, à imitação de Guardas avançadas do grande matô da Serra; alguns índios lhe chamam — Caaguasu — que quer dizer — Bosques grandes. — Êles são os primeiros a exceção de Caybaté, que se encontram na Coxilha Grandê, vindo do sul (pág. 258). — Veja o verbete *Caaroque*.

Caaroque — que significa — porteira do mato — ou — Caaguasu-roque, porteira do grande mato, — ou — caayuru, bôca do mato, porquanto yurú quer dizer bôca (pág. 254) — Veja o verbete *Monte Grande*.

Cacequi — *Cassique-y* — Com justa causa lhe puseram os índios o título de rio, arrojo ou "Águas dos Cassiques", — Cassique-y. — Nós temos visto quantas toldarias de minuanos, com seus caciques, estavam naquelas circunvisinhanças, ou fôsse deduzida da mesma gradação de que antigamente tratavam os tapes entre os seus (pág. 261).

Caiapi — Veja o significado no verbete *Minuanos*.

Caibaté — (que costumamos grafiar, erradamente, Caiboaté, explica Saldanha à pág. 229): Caaybaté, pronunciado pelos índios tapes guturalmente como se fôsse escrito entre nós — Caay-guaté, — quer dizer Bosque Alto. E' um dos mais bem apropriados, ja-

(8). — Batovi de Santo Angelo ou Anjo, é como os espanhóis denominaram, em suas cartas geográficas, o Cêrro do Batovi. É isto o que explica José de Saldanha.

mais temos nós encontrado até aqui algum capão de elevadas árvores sôbre a mesma Coxilha Grande. (...) Aqui não obstante ser o Albardão formado de montanhas maiores, se divisa de longe êste capão de mato, do qual a origem é superior a tôdas elas e segue por uma caída para a canhada de Caaybaté” (Veja o verbete *Batalha de Caibaté*).

Camaquã — Veja o verbete *Ycabaquã*.

Camaquã-Mirim — Veja o verbete *Ycabaquã-Miri*.

Cambai — Nas suas cabeceiras (do arroio Santa Maria) há pequena lagoa denominada, segundo consta, de Cambay, que vertida do idioma guarani quer dizer — água de pretos, — por que entre êles Cambá é preto e “y” — água. Êste arroio não leva canal seguido, em sítios faz lagos de nado, noutros canhadas pantanosas, ora bordado de arvoredos, ora sem mato algum, e na sua última légua por terreno plano e de várzea (pág. 201).

Camoati — Veja a explicação no verbete *Lichiguana*.

Campestre — Espaço de campo descoberto, e sem tanto arvoredo entre os bosques. — ... porém no segundo já por lombas ao ponte dêle, e desta sorte saímos no Campestre que há entre a Serra (pág. 253). — “Do Campestre” — Êste a que os espanhóis chamam “Campechuelo” — tem duas milhas de comprimento pela estrada... (pág. 254).

Canhadas — significam neste País as baixadas planas dos vales, cujas costumam ser cheias de macegas ou grama brava, e pantanosas ... (pág. 176). — No texto, mesma página: A Coxilha Grande ou Albardão desde as caídas do Ceibal até as do Piraj, lança para a parte ocidental de espaço em espaço, pontas altas de anfiteatro, que se representam superiormente planas, e com quebradas e precipícios pelos lados, das quaes seguindo as Coxilhas até as forquetas dos galhos, foram vários excelentes rincões de medianas colinas ou lombas: em cujo centro se vê uma baixada onde se ajuntam diversas canhadas e arroios de verão sêcas, e embebendo o resto das águas, e de inverno alagadiças e formando uma espécie de lagoa. — O gado e cavahada de uso da Fortaleza se guardam nestes rincões.

Canoas — São uns ligeiros bateis de que se usa neste Continente para as navegações dos rios e lagoas: as canoas que lhe pertence verdadeiramente são construidas de um só pau, e variam de tamanho, assim como os troncos das árvores na grossura: porém, pelo mais geral costumam ter as dimensões desde 4 até 10 palmos de bôca, e de 15 até 40 de comprimento. Elas não tem quilhã alguma, sendo convexas pelos lados, e chatas pelo fundo. Formam sempre bico de proa e o corte da popa, como nos bateis ou falúas; os seus remos ou são de pá, dos quaes se servem nas canoas pequenas e que não têm leme, ou de boga que são como os verdadeiros remos presos às bordas dela. Também manejam com ve-

las. São fáceis de se virarem, principalmente as menores, mas flutuam (pág. 268). — Contudo lhes é mais fácil sofrerem então este incômodo, do que o quotidiano trabalho de passagens em canoas para a comunicação com a nossa Fronteira do Rio Pardo, que se acha a leste e norte do Yacuy.

Cabayu — Vide verbete *Gado Alçado*, *in fine*.

Capayu — Arroio Capayu (...) a sua cristalina corrente se vê de longe regar as raízes de algumas árvores e poucos bosques que em sítios o bordam. Capayu — Capa Amarela — é a tradução rigorosa deste vocábulo, a metade espanhol, a metade guarani. Estes adotaram ou para melhor dizer, aprenderam do idioma daqueles todos os nomes próprios que faltavam no seu. Julga-se que o motivo de porem os tapes semelhante nome a este arroio, seria o encontrarem nêle alguma partida de soldados Dragões espanhóis, os quaes usavam nêsse tempo não só dos capotes ou capas amarelas, mas ainda das fardas da mesma côr (pág. 260).

Capões — Em os pequenos Capões, isto é, Bosques de pouca extensão e separados, próximos a este pouso e na referida canhada, se viu esconder um casal de tigres, que depois de se deitarem os cães, finalmente a tiros se mataram (pág. 194). — (Este verbete se repete em *Tigres*, do qual faz parte, em nota ao texto reproduzido). — Na página 206: Capões, palavra usada pelos portugueses nêste País e com a qual explicam os pequenos bosques ou ajuntamentos de arvoredos. Aos grandes capões de mato, como nas costas dos rios, lagoa ou pantanais, lhe chamam “Restinga”. O terreno interior ou tem regatos ou é pantanoso. — Fomos acampar nas cabeceiras do 1º galho do Ibicui-guaçu, junto de uns capões de mato, chamados pelos índios — Caabuçu — que quer dizer também Mato Grande.

Caranguejos — Os caranguejos costumam fazer grande buraco nas várzeas pantanosas e lodosas: os moxos, e outros semelhantes pássaros noturnos nos terrenos mais altos, e os patos a que Linneu chama *dasyopus*, sôbre as coxilhas, aumentando-se estes com a caída das águas da chuva (pág. 263). — A várzea é bastante larga e todo o terreno que em círculo compreende as suas várzeas caídas, é de línguas baixas de colinas, que logo fenecem, e cheios de numerosos buracos, e alguns pequenos lagoões (págs. 262-263).

Carência — (Querência — E’ esta a primeira vez que aparece na literatura a palavra “Querência”, embora mal grafada, e com significado absolutamente atual) — Deixam os bois a sua carência e o desacostumado pescoço tornam a entregar ao pesado jugo, desamparam os seus pastos as manadas de cavalos e a servir vão nas carretas dos indispensáveis móveis e mantimentos condutores. — Carência — é aquêle sítio, ou lugar, a que estão acostumados já por alguns tempos, as boiadas e cavalhadas, sendo tal o apêgo que tomam os animais à sua residência, que se por acaso podem escapar depois de qualquer número de léguas de viagem, cuidadosamente a tornam a procurar (pág. 167).

Caróya — Arroio chamado por alguns de nossos práticos "Grande" — e pelos espanhóis Caróya (...) em várias voltas vai até o Ycabaquá, onde desagua (pág. 182 (9)).

Carreías — As dêste país são maiores do que os grandes carros da Europa, tanto em leitos como em rodas, chegando aquêles a extensão desde 14 até 19 palmos de comprido, e de 5 a 6,5 de largo, e estas de 7 até 10 palmos de diâmetro. Os cubos onde encaixam os seus eixos de pau, são grossas maçãs de madeira cilíndrica, e os seus raios largas tábuas. São toldadas de couro de rezes, e tapadas pelos lados de uma palha semelhante à miuda tábua, e costumam ser puchadas por quatro, cinco ou seis juntas de bois, conforme os diversos pesos e caminhos, e chegam a carregar até cem medidas de trigo, que corresponde a duzentos alqueires. As de que usam os espanhóis são mais estreitas, e acomodam nelas muito menos: trazem-nas só com 2 até 3 ou quatro juntas de bois (pág. 167). — Veja o verbete *Carência*.

Ceibal — é o conjunto de umas árvores do tamanho de oliveiras com espinhos pelos troncos, e as suas flôres como as das giestas, porém vermelhas, as quaes chamam "ceibos". Nascem nas canhadas pantanosas e de sua madeira só usam para o fogo estando sêca (pág. 205). — O Ceibal depois de caminhar pelo terreno de várzea, se desmancha em canhada pantanosa, de cuja forma se une ao rio Negro (10).

Chercal — Chercais chamam nêste país os campos cheios de uns arbustos, quaes pequenas árvores, esgalhadas e sêcas, com macegas, produzidos da fôrça da terra inculca. — Há indícios de que houvera aqui antigamente uma estância dos índios tapes, assim o fazem crer também os arbustos que pelas lombas dêste campo têm nascido. Algumas manadas de gado chimarrão, encontramos escondidas nêstes chercais (pág. 265) (11).

Chimarrão — Gado chimarrão (12). Nêstes diferentes e tortos rincões, estavam suas manadas, ou tropilhas de gado chimarrão (pág. 178). — Em nota à mesma página: Não terá deixado o meu ante-escriptor de falar da origem do gado alçado ou chimarrão, que se acha em vários sítios dêstes campos; (...) — Êste de que acima digo é já acoissado, ou afugentado dos belos rincões do Jaguaru e do Candiota, para êstes muito mais ásperos, pelos coureadores e ambiciosos do contrabando dos couros dos touros (pág. 178). — O Albardão que reparte êstes dois últimos galhos do Ycabaquá, é de agradáveis colinas com as suaves caídas das águas para o sul e

- (9). — Pouco mais adiante, pág. 183, fala no mulato portenho de nome Caróya, referido no verbete *Portenho*.
- (10). — Nota nossa: êste "Ceibal" de que Saldanha fala no texto acima, é um rio afluente do rio Negro, e certamente deram-lhe êsse nome pela quantidade de ceibos (corticeiras ou "marrequinhas" devido à forma da flôr) que existiam nas suas margens pantanosas).
- (11). — Atualmente escrevemos *chisca* — *chircal*.
- (12). — Não há nota explicativa da palavra, mas as referências em diversos pontos do texto do *Diário* dá lhe o significado.

norte; as cabeceiras setentrionais do 2º galho, e as ocidentais do 3º, já confinam com as águas do rio Bacacai que desagua no grande rio Ibicui (...). Nêstes campos tornamos a encontrar algumas tropilhas de gado chimarrão (pág. 196). — Da grande abundância de gado alçado que houve nêste Rincão, ainda agora vemos numerosa quantidade de touros (pág. 200). E em nota à mesma página: A avultada porção de touros que presentemente se encontra nêste Rincão, não são só dos que antigamente existiam: quase todos os meses estão deixando aqui parte dêles as grandes Vacarias ou corridas de gado, que passam para Missões. Êstes povos, ou por que não abundam em reses, ou para reservarem as suas, mandam fazer semelhantes corridas nos campos das cabeceiras do Yaguarú, Taquari, ou perto dos Cêrros de Fraile Muerto, Yaceguá e Conventos, e como os touros lhe causam mais incômodos na condução do que as vacas por causa das disparadas que de noite originam, não obstante o contínuo cêrco de gente e fogões que sempre estão ateados com o sêbo e gordura das mesmas reses que carneiam, apartam nêste lugar os touros que ainda trazem, e as vacas mais magras e cansadas, pois que vêem que êste fechado campo fica à vigilância do vizinho Forte de Santa Tecla (pág. 200).

Colorado — que por abreviatura dizem às vêzes “coloráo”, significa na lingua castelhana geralmente a côr avermelhada. — ... formam três galhos de que resulta êste arroio — o Colorado (...) Enquanto os mais que o acompanha, não difere dos antecedentes: nem eu pude descobrir outra derivação à do seu nome, mais do que a vontade daqueles espanhóis que assim se lembraram de o distinguir (pág. 191).

Coracóque — E' uma picada no Albardão grande para o Ibicui — uma canhada com arvoredo, e atravessada pela estrada geral e como nêse lugar há uma pequena picada, lhe puzeram os índios o nome de — Coracó-que — que quer dizer — porteira do curral, porquanto — corá significa curral e — ró, casa e — que, porta. — Em nota diz: Esta palavra deve ser lida como se estivesse escrita — córánóqué (pág. 252).

Correntino — por ser da cidade de Corrientes, uma da dos espanhóis na costa oriental do rio Uruguai. — Um alferes auxiliar correntino, D. Pedro Paulo de Figueroa, que foi nosso prisioneiro na passada campanha dêste Continente, é agora o seu comandante. Um número de índios tapes, de cinqüenta até sessenta, dados e mudados todos os meses pelos Povos Orientais das Missões, são os seus soldados e os seus serventes. Um rancho coberto de palha junto a uma pequena horta para o Comandante, e outros bem mal reparados para os índios, são o seu Forte, Estacada e Fossos, em que assistem. — (Esta Comandância espanhola, ficava na denominada Guarda do Registro, antiga Guarda Espanhola de San Martinho, que os portuguezes na guerra anterior (Guerra guarânica ou jesuítica) haviam tomado de assalto. Veja-se o verbete *Guarda de São Martinho*).

Coxilhas — Veja o verbete *Albardão*.

Coxilha Falsa — Entendem por esta dicção as pontas do Albardão que vão terminar nas forquetas, ou uniões de diversos galhos ou arroios, não dando saída ou passo franco para diante. — Continuamos no presente as operações topográficas por uma Coxilha Falsa de melhor terreno (pág. 179).

Cunhatay-Cambi — (Saldanha escreveu também *Cuñatay-cambi*) — *Cunhatay* significa a moça donzela, — e *Cambi*, o peito ou leite (13). — A nordeste 60° do Acampamento Geral português do Pirai há um cêro composto de duas montanhas regulares, das quaes a mais ocidental tem no seu cume um picacho de pedra perfeitamente redondo: os índios os conhecem com o nome de *Cunhatay-cambi* (pág. 209).

Cupim — Ao falar nos “*tacurus*” José de Saldanha dá a definição de *cupim*, mas incompleta, sobretudo quanto à “formiga” que o forma. Embora não seja intenção nossa criticar ou corrigir, no presente caso há necessidade de explicar o tipo das formigas que fazem o “cupim” e, mais, lembrar que *Tacuru*, segundo temos observado, segundo nos tem sido informado, e segundo o registro dos Vocabulários regionais (14) é o mesmo *Cupim*. As formigas do cupim e que também se denominam “cupim”, são acinzentadas claras, e fazem buracos profundos que cobrem com a mesma terra dêles tirada, e endurecida, formando cones internamente recortados de tantos canaes que se torna impossível chegar de um a outro em linha reta. Verdadeiros labirintos. No texto, pág. 227, José de Saldanha não fala em cupim, mas em nota na mesma página, diz: “Cupins são uns montículos de terra de altura de um até quatro palmos, em figura cônica ou hemisférica, que as formigas fazem nas várzeas alagadiças para se livrarem das águas subindo até os últimos repartimentos”. Veja o verbete *Tacuru*.

— D —

Duraznal — Princípios pela ponta de coxilha que vem terminar na Guarda de São Martinho, entre caídas ou galhos pequenos setentrionais do Ibicui-Mirim, e tendo caminhado quase uma légua (...) até o Posto do Duraznal de São Martinho, saímos no Albardão de Toropi, cujo o separa do Ibicui-Mirim desde a sua forqueta na Estância de São Pedro, ao sul da Serra (pág. 282) (15). — Determinamos (...) mais dos postos da mesma Es-

-
- (13). — A respeito, seja-nos permitido um aparte, com Montoya diante dos olhos: Diz este autor da *Arte de la Lengua Guarani*, que *Cambi* é “leche”, somente leite, enquanto *Camá* é que significa — peito. Não teria sido equívoco de Saldanha, sempre tão metuculoso?
- (14). — Romaguera Corrêa, de 1898; Roque Callage, de 1926; Luís Carlos de Moraes, de 1935, entre outros.
- (15). — O nome “Duraznal” que cita diversas vêzes em seu *Diário*, provém das grandes plantações de pessegueiros (*durazno*, *pessego*, em espanhol) que os jesuítas possuíam em suas Estâncias, conforme o mesmo Saldanha declara na pág. 292.

tância (de Santiago), entre os galhos orientais do segundo Jaguari: o de São José Tubincha, ou maior, (...) e o Posto de São Diogo (...). Cada um destes tem, segundo o costume, seu capão de pessegueiros e os ranchos ao lado, de leste a oeste.

— E —

Enforcados — (Passo dos) — Do successo de enforcarem os espanhóis a cinco infelizes índios nos troncos das próprias árvores, por julgarem espias nossos no tempo da última guerra, ficou o nome dêste Passo, como também da passagem do seu exército, ou columna da tropa, quando pretendiam acometer ao Rio Pardo: por êste mesmo com mais feliz e afetuoso fim se retiraram os nossos esquadrões, quando voltaram de atacar e tomar o forte de Santa Tecla (pág. 187).

Estância — Em todo o decorrer do *Diário* Saldanha escreve ora “Estância”, ou “Fazenda”, ao referir-se às propriedades próprias para criação de gados e onde também existe alguma, ainda que pouca, agricultura. Com êste significado foi, pois, José de Saldanha o primeiro que a usou: “Estância — terras com criação de gado vacum e cavalari, no Sul da América”, como diria mais tarde Antônio de Moraes Silva em seu *Dicionário da Língua Portuguesa* (16). Eram as antigas paradas, pousos para o descanso das tropas — as “estanças” —, transformadas em propriedades com a finalidade da criação de gados diversos.

Estância de São Pedro — Num parágrafo dos acontecimentos do dia 25 de março de 1787 (págs. 249-250), intitulado “Da Estância de São Pedro do Sul da Serra”, escreveu José de Saldanha: — Esta Fazenda que igualmente pertence ao Povo de São Miguel, é de uma figura quase triangular, cuja base assenta sobre o rio Ibicui-Mirim desde a sua embocadura até cousa de duas léguas e meia mais acima, e neste espaço acompanhado pela sua margem setentrional de uma várzea de largura de meia légua, plana, baixa, e algum tanto pantanosa posto que adomesticada. Pelo lado occidental continua o Toropi até entrar na Serra por terreno dobrado, à exceção das primeiras duas milhas no canto interno da sua forqueta com o Ibicui-Mirim, depois do que estão situados os ranchos ou casa da Estância, já nas lombas, e coisa de meia milha a leste do mesmo Toropi, o qual tem pouco mais acima o Passo também chamado de São Pedro, que dá trânsito desta para a Fazenda de São Vicente, e dali pela Picada de São Tiago. O lado oriental é verdadeiramente atalhado por pontas de coxilhas coroadas de árvoredo, que baixam da Serra ao sul até terminarem na Ibicui-Mirim; contudo consta haver nela uma Picada e estrada para outro posto desta Estância, cujo se acha mais a leste, e que adiante trataremos, assim como da Serra do Monte Grande (Veja o verbete *Monte Grande*) que neste lugar serve de alta e dobrada muralha pela banda

do norte, não deixando que esta Estância tenha mais de duas léguas de comprimento. Do que resulta não se poder aumentar em criações êste estabelecimento aliás bem fechado, e faltando-lhe o pasto preciso para o sustento dos animais que inclui.

Estância de São Vicente — A meia légua do rio Toropi encontramos o Posto de São Rafael, da Estância de São Vicente, pertencente ao Povo de São Miguel, uma das Missões Orientais do Uruguai, e mais adiante uma milha, o Posto da Eguada da mesma fazenda, ambos em uma ponta de coxilha falsa, de outra mais geral que vem da Serra do Monte Grande, repartindo as águas para o Toropi, e segundo Yaguari, também galho do Ibicuíguaçu. Dali caminhamos como ao nascente e pasamos nas pontas de dois pequenos galhos setentrionais do Toropi, dos quais o primeiro (...) lhe chamam os índios vizinhos — Guiray — que quer dizer Arroyo dos Pássaros; e continuando na mesma direção chegamos ao Posto de São Paulo da mesma Estância, deixando mais ao norte à distância de uma e de meia légua o Albardão mais geral (págs. 241-242).

— F —

Fogão — No verbete *Chimarrão*, in fine, Saldanha fala nos fogões dos acampamentos, falando, também, nêles em outras oportunidades. E' o que atualmente se denomina "fogão de chão", cujos vestígios são encontrados ao longe das estradas, lembranças (fogos mortos) de longas carreteadas e tropiadas, e de acampamentos militares, em tempos de guerras e revoluções. (Veja também o verbete *Gado Alçado*).

— G —

Gado Alçado — O nosso acampamento foi na costa de oeste do mesmo Pirai, e muito pouco acima de seu excelente Passo (...). Da grande abundância de gado alçado, que houve neste Rincão, ainda agora vemos numerosa quantidade de touros. — A avultada porção de touros que presentemente se encontram neste Rincão, não são só dos que antigamente existiam: quase todos os meses estão deixando aqui parte dêles as grandes vacarias ou corridas de gado que passam para Missões. Êstes povos, ou por que não abundam em reses, ou para reservarem as suas, mandam fazer semelhantes corridas aos campos das cabeceiras de Yaguarú, Taquari, ou perto dos Cêrros de Fraille Muerto, Yacaguá e Conventos, e como os touros lhes causam mais incômodos na condução do que as vacas, por causa das disparadas que de noite originam, não obstante o contínuo cêrco de gente e fogões que sempre estão ateados com o sebo e gordura das mesmas reses que carneiam, — apartam neste lugar os touros que ainda trazem e as vacas mais magras e cansadas, pois que vêem que êste fechado campo fica à vigilância do vizinho Forte de Santa Tecla (pág. 200). — Ao estudar o rio Vacacaí (Bacacay

ou de Vacas-Água lhe chamam os índios tapes) diz José de Saldanha que este nome híbrido lhe dá “a certeza do muito gado vacum, que os índios antigamente, e já depois de domesticados pelos Padres da Companhia, criavam e tinham nas suas Estâncias, nos campos deste rio, de cuja deserção e do de outras várias fazendas desamparadas, (...) procede a origem do Gado Alçado, ou chimarrão, que tantas vèzes temos encontrado. Outro pertence mais à História Natural, por que com esta reflexão se prova não serem próprias deste Nôvo Mundo as reses, pois que os índios faltando-lhe no seu idioma o nome para estes animais dêles desconhecidos, adotaram os nomes espanhóis, posto que com alguma corrução (pág. 272). — À mesma página, em nota: Baca, Tôro, Cabayu, Burica, & são nomes pronunciados pelos tapes e que êles quiseram apropriar à sua língua, corrompendo-os do espanhol, para significarem — Vaca, Touro, Cavallo, Bestas Muares & animais que êles não conheciam, por não serem naturais desta parte do Mundo, ou nôvo Continente. — Veja mais o verbete *Chimarrão*.

(*Gaúcho*) — *Gaúche* — palavra espanhola usada neste país para expressar aos vagabundos ou ladrões do campo, quaes vaqueiros, costumados a matar touros chimarrões para sacar-lhes os couros, e a levá-los occultamente às povoações para a sua venda ou troca por outros gêneros. — De um e outro lado deste Passo, assás bom, e digno da passagem de carros e carretas, se as vizinhas coxilhas o permitissem, encontramos destroçados ranchinhos e vestígios de coureadores e Gaúches do campo (pág. 181). — Pela margem sul se encontra o Ceibal formado de dois galhos que baixam da Coxilha Grande, e de confinar com as cabeceiras do galho do yaguarú, presentemente in titulado pelos Gaúches ou vagabundos do campo — Arroio das Pedras... (pág. 205).

Gerivás — *Geribás* — *Jeribás* — são uma espécie de palmeira ou coqueiros dos próprios do Brasil. Tem altura dos pinheiros, e como êles sòmente ramosos na extremidade, porém as fôlhas muito diferentes. Dão os frutos em cachos semelhantes às tâmaras, adocicados e muito saponáceos. Não tem mais que comer do que a casca, ou pequena polpa exterior aos seus duros caroços. Os índios passam vários dias só com este alimento. — Nela se divisa de longe os geribás postos em fileira ou cordel: ali foi lugar das casas desta Estância (jesuítica de Santo Antônio), ainda do tempo dos padres da Companhia estabelecidos nas Missões. Ali tinha ermida, capelão e várias casas de índios... (pág. 212).

Gramma — Térreas, cobertas de capim ou brava grama (17), são as paredes de pau a pique e de barro amassado, é o modo de construção das suas casas; por distinção costumam cair a ermida ou pequena capela que se acha em cada uma destas Estâncias, para as cantadas rezas dos índios, acompanhadas de tambores e violas ou flautins, como as gaitas dos pastores. Abundante de gado, cavalhadas e algumas manadas de carneiros. — Diferentes quali-

(17). — Hoje denominada “Santa Fé”.

dades de gramas, nascendo expontâneamente sôbre a terra, cobrem a sua superfície nas campanhas do Brasil; as mais mansas com o título de “capim”, servem de contínuo pasto aos animais; as mais agrestes ou crescidas, chamadas macegas, são destinadas a substituir a falta de telhas para os telhados (pág. 289) (18).

Garvatá — Os gravatás ou cardos silvestres, a grama brava ou macega, as plantas aquáticas como por exemplo as Ninféas, e outras da classe das Pentrandias — de Linneu — e os Sarandís, cujas flôres imitam as Cachias, são as mais usuais das várzeas pantanosas nêstes climas. — O campo é de várzea pantanosa na largura quase de duas milhas, seguida tôda dos arbustos e plantas próprios dos pântanos, e com alguns capões de arvoredo disperso (pág. 264).

Guapitangui — Baixamos ao Passo intitulado por alguns espanhóis — de “Las Frutas Coloradas” ou de “La Palma Colorada” — e pelos índios tapes — Guapitangui. — Em nota diz: Guapitangui deve-se ler como se estivesse escrito yvapuitangui (pág. 207).

Guarda de São Martinho — “Da Guarda de São Martinho” — pág. 256: — E no mencionado recanto do mato, e na situação geográfica dita sôbre o elevado terreno da parte do norte desta Serra, e logo pouco adiante da saída da Picada, está a Guarda chamada de São Martinho, conquistada por assalto pelos portugueses na última guerra, dela presentemente se servem os espanhóis como Guarda de Registro, para evitar os contrabandos das suas povoações das Missões Orientais, e do norte, com as fronteiras portuguesas do Rio Pardo, e de comunicar as suas notícias a Buenos Aires, não só pelo Correio das Missões, mas também pelos Postilhões, que por terra enviam por Santa Tecla a Montevideo. — Um alferes auxiliar correntino, D. Pedro Paulo de Figueroa, que foi nosso prisioneiro na passada Campanha dêste Continente é agora o seu Comandante. Um número de índios tapes, de cinquenta até sessenta dados e mudados todos os meses pelos Povos Orientais das Missões, são os seus soldados, e os seus serventes. Um Rancho coberto de palha junto a uma pequena horta para o Comandante, e outros bem mal reperados para os índios, são o seu Forte, Estacada, e Fossos, em que assistem (19). — A porção do Albardão Grande, presentemente examinada, se achava bastante impraticável e agreste pelos macegais e arbustos espinhosos que tinham as caidas pelo Araricá e Ibicuí-Mirim, ou quebrada das faldas dêste Albardão; mais próximas da Serra são cheias de espêsso arvoredo que se vai unir ao

- (18). — Saldanha emprega o nome genérico de macegas para designar o capim alto “ou mais agreste”. Antônio de Moraes Silva ainda em 1831 (ob. cit.) não registrou a palavra *Macega* que, na atualidade, os vocabulários referem referem como “brasileirismo do sul”, com a mesma acepção que lhe deu Saldanha: capim alto e crescido que dificulta o trânsito. Por esta forma o capim *Santa Fé*, acanoado, com bordas cortantes, que era e é, ainda, utilizado para coberturas de ranchos e casas humildes, pertence ao grupo genérico das “macegas”.
- (19). — A respeito da tomada da Guarda de São Martinho, estabelecida pelos espanhóis, discorre José de Saldanha em seu citado *Diário* à pág. 284.

do Monte Grande (Veja o verbete *Monte Grande*). Por parte dêste espaço da Coxilha Grande saiu o Coronel Rafael Pinto Bandeira sôbre a Serra depois de a ter atravessado por oculta Picada para a surpresa da Guarda de São Martinho, como já referi (20). Por uma oculta Picada nesta Coxilha atravessou a Serra o Coronel Rafael Pinto Bandeira com a sua tropa para sair no campo superior e tomar por assalto a Guarda de São Martinho, como com efeito felizmente conseguiu na última guerra em que ela estava mais fortificada, e dirigindo suas peças de artilharia para a saída da estrada geral das picadas do Monte Grande, por donde julgavam os espanhóis sômente poderiam ser atacados (pág. 276) (21).

Guassuieupi — O Guassuieupi é um galho do Toropi. — Yeupi em língua guarani quer dizer subida, e Guassu anteposto na formação das palavras, significa — veado. — Assim a versão verdadeira do nome Guassuieupi vem a ser — subida do veado, — e não grande subida, posto que — guassu — também significa grande, porém neste caso diriam Yieupi-Guassu (pág. 298).

Guirai — (...) dois pequenos galhos setentrionais do Toropi, dos quaes o primeiro não se fazendo remarcável mais do que pelo seu muito arvoredo, lhe chamam os índios vizinhos — Guiray — que quer dizer — arroio dos pássaros (pág. 242).

— I —

Ibaro — Veja o verbete *Ybaaro*.

Ibicuí — Enquanto ao nome dêste rio sucede por acaso não haver tantas controvéncias como nos mais: dizem todos os índios tapes que êles chamam arêia — Ybicu, — “y” — já se sabe que quer dizer água e guasu ((guaçu) grande, do que se coloca o título de Ybicu-y-guasu, ou Grande Rio das Areias (pág. 246).

Ibiraiepiro — “Ybirayepiro” — Pronuncia-se êste vocábulo guarani como se fôsse escrito “Iguirá-épiro”. — Ybirá, já dissemos, significa — páu, — yepiro — é descascado. Dizem que neste rio se encontra bastante destas árvores grandes, cujos troncos faltando-lhes a casca ou cortiça, são sômente vestido do “liber” e epiderme, ou teage exterior. — Aprazíveis e amenos são também êstes campos: as caídas para leste formam outro galho do Jacuí chamado Ybira-yepiro, ou Páu Descascado, e as de oeste depois das cabeceiras do Guasuieupi, vão separadamente ao Toropi (pág. 289).

Ibira-Mirim — Veja verbetes: *Ycabaquá-Miri* e *Ybirá-Miri*.

Ibira-Mirim — Veja verbetes: *Ycabaquá-Miri* e *Ybirá-Miri*.

(20). — A referência consta da pág. 272.

(21). — A Guarda de São Martinho fôra ali estabelecida pelos espanhóis depois da invasão de 17663. Veja: Régio Monteiro — “*Invasão Espanhola no Rio Grande do Sul* — Imprensa Militar — Rio de Janeiro, 1935, págs. 217 e sgts. e mapa. — Esta Guarda havia sido, antes, estabelecimento ou posto de São Martinho, dos jesuítas das Missões Orientais.

Ibititecaro — A Serra do Monte Grande (...) continúa com a largura de quatro léguas ao norte da Estância de São Vicente, e pelos cêrros Ybititecaro e circunvizinhos, até que vai acabar para oeste da Picada de São Tiago, em vários cêrros espelhados como os de Añaciba (veja o verbete). José de Saldanha não explica Ybititecaro, e diz mais adiante: — Asseveram alguns vizinhos habitantes desta Serra que em algumas noites, ainda serenas e claras, têm visto correr de um para outro cêrro uma luz como de relâmpago, ou forte exalação, e posto que eu não tenha presenciado êste fenômeno, sou, contudo, obrigado a dar-lhe crédito, atendendo ao quanto se conformam as leis da electricidade, principalmente havendo entre êstes cêrros, alguns bastante agudos, e sendo continuados os vapores que se semelhantes bosques devem continuamente estar-se exalando. Também afirmam que em dias de igual bondade, porém raras vêzes, se têm ouvido ainda à distância de sete a oito léguas, um grande estrondo que vem do interior desta Serra, à semelhança de um dilatado trovão, ou peça de artilharia (pág. 300) (22). — Antônio Ruiz de Montoya (23), — explica que “Ybiti” significa “niebla” (neblina) e “Ibiti”, Sierra. — Em Teodoro Sampaio (24). Encontramos várias palavras começando por “Ibiti” e “Ibity” que Sampaio dá como designação de monte. E o final, — “Tecaro”, que significa? Nada encontramos de positivo, mas julgamos que se relacione com o fenômeno que nada tem de anormal, daquele recanto do Monte Grande, proximidades, atualmente, da cidade de Santa Maria. Assim, Ibititecaro poderíamos traduzir por “Monte dos Assombros”, ou “des Estrondos” ou “das Luzes que caminham”. Simples suposição, porém...

Ijuí — Deixando-a (a Coxilha Grande), continuamos por uma outra que vai aos Povos das Missões, separando as águas do Toropi e Yjuí-mirim, fomos acampar perto das últimas cabeceiras do mesmo Toropi, junto ao posto de São Borges (São Borja) (pág. 290) (25).

Inhatium — (26). Sairam de Mbatobi às oito horas da manhã, e passando uma grande travessia com falta de lenha e água,

-
- (22). — Terá a palavra “Ybititecaro” relação com êstes fenômenos? Saldanha, como vimos, nada explicou. Mas como se sabe que o indígena tudo batiza pelo que lhe chama a atenção ou espanta, é de supor-se que “Ybititecaro” signifique — montanha ou cêrro dos assombros, ou das luzes que correm.
- (23). — *Arte della Lengua Guarani...* — Viena, 1876.
- (24). — *O Tupi na Geografia Nacional* — 4a. ed. — Bahia, 1955.
- (25). — Saldanha não explica a palavra e Teodoro Sampaio (ob. cit.) não a estudou. Mas o Gen. João Borges Fortes (*O Tupi na Corografia do Rio Grande do Sul* — Rio de Janeiro, 1930) declara: — “Rio das rãs. Em mapas antigos se encontra êste rio sob a denominação de Yui; Yui é corruptela de “gyi-í” aumentativo de “gyi”, a rã grande, de côr escura”. — Em Montoya encontramos Yui — rana. — Montoya (ob. cit.) não faz referência a gyi. — Logo: *Ijuí* = Rio das Rãs.
- (26). — José de Saldanha nada explica a respeito desta palavra que, aliás, grafava — “Yñachiu” — como se verifica na pág. 281 e outras.

em distância de cinco léguas menos um terço, acamparam no Campo de Yñachiu, junto ao arroio dêste nome (27).

Islas — Islas chamam os espanhóis aos capões de mato, ou pequeninos bosques, e monte às que nós nominamos mato. — (...) nos altos capões de mato, próximos dêste Acampamento, e chamados pelos espanhóis “Islas de Santa Catarina”, por ter havido aqui um posto de Estância dos índios com a mesma invocação (pág. 257).

Itaquatiá — Ytaquatiá, isto é, pedra escrita. — O Ibicui-Mirim se une aos dilatados matos da serra pela banda do norte, contudo sabe-se (...) que êle tem outro Passo pelo qual mais pronta e ocultamente se pode comunicar a Guarda de São Martinho com as Estâncias de São Pedro e São Vicente, passando por um posto de índios da primeira destas Estâncias, e que há notícia estar situado perto do cêrro Ytaquatiá — isto é, -pedra escrita-, na margem setentrional do mesmo Ibicui (pág. 252) (28).

Iupacarapá — Veja o verbete *Yupacarapá*.

— J —

Jacaquá — Saldanha escreveu *Yaguaquá*, e diz, pág. 298: Yaguá é tigre e “quá”, cova na língua dos tapes, do que se coloca o nome desta canhada de Yaguaquá, Cova de Tigre.

Jacaré — Os crocodilos a que vulgarmente se lhes dá na América o nome de jacaré, não deixa de os haver também neste Continente, nos rios, arroios e charcos, principalmente de água parada, exposta mais livremente ao sol. Contudo êles são mais pequenos e menos bravos do que noutras regiões do Brasil. — Fomos acampar na costa meridional de uma sanga intitulada Jacaré — depois de haver passado o vale e canhada chamada pelos índios — Yagua-quá (pág. 248).

Jacu — *Yacu* — que nós pronunciamos neste país — jacús e os espanhóis — pavos — são umas aves do mato e costas dos rios, muito semelhantes às galinhas domésticas, e em cuja ordem sistemática certamente entram. São do tamanho de uma grande galinha, tôdas pretas, a cauda, porém, caida e reta, sem crista, e só-

(27). — Segundo Montoya (ob. cit.) Y-ñaty (y êle ser — ñaty mosquito) significa “êle é do mosquito”. O Gen. Borges Fortes (ob. cit.), apoiado em Teodoro Sampaio (ob. cit.), diz: — “*Inhaitum*” — arroio e banhado no município de São Gabriel. Corruptela de “nhati-u” — o que pica com o ferrão...”. Veja o verbete *Nachtu*, em que Saldanha explica a palavra que, parece, não é corrupção de outra palavra como os pretendem Sampaio e Borges Fortes.

(28). — Existe (ou existiu) no atual município de São Pedro (RGS), uma rocha de pedra grás de cêrca 80 metros de comprimento por mais ou menos 20 de altura, completamente cheia de inscrições ruprestres. Dela falaram: Antônio Serrano — “*Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay*” — Paraná, Entre Rios, 1936. e J. Tupi Caldas — “*Litoglyphos de São Pedro — Tentativa de versão*”, in Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — IV trimes. de 1939, pág. 279. Será esta pedra a mesma do Cêrro Itaquatiá de que falou José de Saldanha?

mente com a pele da fauce nua, e de côr de laranja; tem um som rouco e servem para comida. — Há neste Continente na maior parte dos bosques e com maior profusão neste rio (Jacuí) umas aves a que os índios chamam Yacú, donde se julga seria o motivo dos tapes lhe porem este nome de Yacuí, isto é — água dos yacús (pág. 275).

Jacuí — Veja o verbete Jacú.

Jacuí-Mirim ou *Arenal* — Põe os índios o adjetivo *Miri* ou pequeno (...), v. g. — Yacuí-miri, a um galho do verdadeiro Yacuí. Não obstante o que está introduzido entre os nossos portugueses é o nome de Arenal para este rio, e somente por êle o conhecem (pág. 280).

Jaguarão — *Yaguaru* — Veja o verbete *Piratini*. — À pág. 171 escreveu Saldanha: — Continuou-se a marcha pela coxilha de terreno alto e dobrado entre as cabeceiras do rio Yaguarú e dos galhos do Ycabaquá. — Na pág. 270, em nota: — O rio Yaguarú chamado por nós na campanha anterior Jaguaron, os seus galhos originaes correm todos directamente do norte para o sul, e depois de unidos seguem até a mesma Lagoa (Mirim) de oeste para leste (29).

Jaguari — *Yaguari* — Todos sabem que Yaguar ou Yaguarité significa entre elles tigre, e que “y” é água, do que se compõe o termo Yaguary — água de tigre, ou rio do tigre. Destas feras ainda se conservam algumas no interior destes bosques e que saem às vêzes a fazer os seus insultos. — Em nota, explica: — Se a simplicidade expressiva das frases é beleza dos idiomas, o guaraní, ou dos tapes, não deve ser reprovado. Em uma grande cruz de madeira que se encontra da banda do sul do Passo do Jaguarí, posta na sepultura de um infeliz a quem um tigre assassinou, se lêem com bastante singeleza as seguintes palavras: — Umano, Yaguar yacá — que quer dizer: Morreu, o tigre matou (pág. 221).

José Minuano — antigo vaqueano e vagabundo do campo (Veja o verbete Gaúcho). — Há alguns Passos no rio Icabaquá (...) o de José Minuano, situado duas léguas e meia também abaixo deste, é da mesma forma; êle dá saída à estrada que vem das cabeceiras do rio Negro pelo Albardão entre os arroios da Cruz e do Cemitério... (pág. 187).

— L —

Lago — Veja o verbete *Minuanos* e o verbete *Pelotas*.

Lagoa Mirim — Da mesma sorte explicaria a corrupção do idioma na expressão de Lagoa Mirim, que deve ser *Pará-Miri*, — isto é, mar pequeno. — (...) nós então incumbidos somente do

(29). — No verbete *Piratini*, falando no Jaguarão, não alude à lenda do Jaguarú, mas refere as lontras que bem podem ter dado origem à lenda do Jaguarú — “animal próprio das águas”, como explica José de Saldanha.

reconhecimento das vertentes da Lagoa de Miri, nos era estranho seguir estes arroios... (pág. 204).

Lichiguana — são uma espécie de abespas próprias dêste país, não mui grandes, amareladas e armadas de ferrão: fazem os seus cortiços nos arbustos baixos, ou rente com a terra, entre a macega; formam-nos, segundo parece, de lodo misturado com miudíssimas palhinhas do que resulta um composto, na côr e semelhança do papel pardo amassado. De figura quase esférica, e do tamanho como de pequena melancia, por dentro com várias camarações horizontais dos casulos ou favos da mesma matéria; onde depõe o mel e as larvas, seus filhos. Louro, adocicado e grosso é o licor que produzem. Há destas uma variedade cujo mel ainda mais grosso e extraído talvez de certas flôres, prontamente embebeda, qual o espírito mais ativo. Outra espécie de abespas dêste Continente são as que lhe chamam Camuati: mais compridas, bravas e menos amarelas, os cortiços são pirâmides ou de figura de uma pêra flamenga, porém do tamanho de uma abóbora moganga grande; a sua primeira casca ou cortiça é muito mais forte e consistente que nos das lichiguanas, e cheios pela parte ou superfície exterior de vários bicos cônicos formados do mesmo corpo. Não costumam ter os seus casulos interiores tanta quantidade de mel: êle é mais puro, claro e de um gôsto mais delicado por causa de um certo agro doce que se lhe distingue. — As picadas com os seus ferrões são mais dolorosas que as das lichiguanas, e fazem logo inchar a parte ofendida, pelo que é necessário com a cabeça coberta e as mãos tapadas chegar a cortar o ramo onde está semelhante ninho. — (...) para o lado do arroio continuamos por melhor terreno, até que atravessamos enfim os arroios do Cemitério e Lichiguana, e acampamos na costa ocidental do Ycabaquá, e junto ao seu passo chamado pelos espanhóis — dos Enforcados — e pelos nossos — o de Cima (pág. 185).

— M —

Mbaebera — deve ler-se como se estivesse escrito — Baibena — por que os tapes pronunciam o “r” fanhosa ou narigalmente, percebendo-se-lhe como se fôsse “n”. — (...) passando pela quebrada dêste Albardão, ao pé das asperezas de Mbaebera, entramos na sua chapada ou planície... (pág. 223). — A sueste 55° do Cêro de Mbatobi, e dêle distante seis léguas, duas milhas e meia, estão as referidas asperezas (de Mbaebera), formadas de ásperos montes de puros e grandes penedos, sem terra alguma que os sustenha e nas dimensões de quase meia légua; tem alguns jeribás ou coqueiros e outros arbustos bravos, por entre as suas amontoadas pedras. Mbaebera quer dizer — Cêro reluzente — composto das palavras guaranis — Mbaé — cêro, e — berá — reluzente (pág. 224).

Mbatobi — Veja o verbete *Batovi*.

Mbayé — Cêros cuja etimologia ou significação ao seu nome se não pode completamente achar, mais do que a primeira palavra

Mbay que exprime entre os tapes — cêro, monte, ou pròpriamente cousa que faz uma figura alta e assim (no *Diário* aparece, aqui, um desenho semelhante a um V de fundo chato, virado). Porém “e” nada se pode julgar. Êles costumam ajuntar um “M” antes do “B” por que quando pronunciam o “B” é com os beiços todos fechados. — (...) subindo o Albardão que vem pelo Forte de Santa Tecla e pelas faldas setentrionais dos Cêrros de Mbayé, encaminhando-se a êste lugar na direção geral de sudoeste 40º e repartindo as caídas para o rio Negro e Pirai, fomos acampar na margem ocidental do Pirai-mirim (pág. 202) (30).

Mbocaberá — Causa expectação o admirável horizonte que se oferece aos olhos no sítio dêste posto (31), por tôdas as partes desembaraçado nas extensões de mais de oito léguas, representa uma campanha de agradáveis colinas e arroios permanentes, que formam vários rincões dos quaes se utilizam estas Estâncias dos Povos das Missões. O mencionado Posto de São Borja, antigamente denominado pelos índios — Mbocaberá, que quer dizer — Espingarda Reluzente, — é da fazenda de São Domingos e pertence ao Povo de São Miguel (pág. 200).

Mel de Pedra — Entre algumas destas pedras, e nas suas pequenas e interiores cavidades se encontram perfeitos favos de Mel de Pedra: — umas diminutas abelhas de côr escura procurando algum subtil buraquinho nas fendas destas pedras, se introduzem alimpando talvez melhor as novas casas, constroem os seus reparimentos de cêra, à proporção dos edificios e dos corpos que nêles devem habitar. O gôsto de seu claro mel é como o mais puro da Europa e a sua cêra digna de se purificar, se fôsse mais abundante. — O terreno das suas margens (do Ycabaquá) são pontas de lombas altas, que figuram cêrros compostos de grandes pedras, e o arvoredo das costas uma leve e estreita bordadura (pág. 188).

Mimuanos — O grande Linneu no seu Sistema da Natureza (edição 13a.), tratando do Reino Animal, o primeiro a quem descreve é o Homem. — O caráter distintivo que com tôda a razão lhe aplica é o de — Nosce te ipsum —. Êste primeiro grau de sabedoria, um dos mais difíceis, mereceu antigamente ser escrito com letras de ouro no Templo de Diana. Duas únicas espécies incluí nêste gênero — o Homem Sábio ou Diurno, e o Trogloditas ou Noturno; na primeira espécie mete cinco variedades, a saber — o Americano, o Europeu, o Asiático, o Africano e o Monstruoso. E assim como Mr. Linneu reparte a variedade do Monstruoso em três subvariedades, assim também sou eu obrigado a fazer com a do *Americano* cujo número seria maior se eu presenciasse a todos os diferentes índios da América. Eu não me posso dispensar de ajuntar nêste lugar tão resumido, o que tinha reservado para um

(30). — É lamentável que Saldanha jamais tenha feito referência a uma só das tantas lendas indígenas de tôda essa região.

(31). — Posto de São Borja, — São Borjes escreve Saldanha.

suplemento, porém a importância da matéria me desculpará o excesso.

Tradução de Linneu sobre a variedade — Americano: — América 1a. de côr ruiva-parda, colérico e direito de corpo. — Os cabelos negros, direitos e grossos. — Os narizes patentes (como inchados). — As maçãs do rosto efiléticas (altas como entumescidas). — A barba somente no extremo e no beijo superior é que têm algum cabelo. — Pertinás, contente e leve. — Pinta-se com uma listras vermelhas da largura de um dedo. — Se rege pelo costume. — Mas que alterações não sofrem estas notas! A côr, os cabelos e a barba são somente os mais persistentes.

Subvariedade "a" — Os patagões que habitam os climas conhecidos e mais ao sul da América, se acham bem extensamente descritos nas viagens de Banks e Solander, às terras Magelânicas ou Cabo de Horns; consta serem corpulentos, ágeis, de feio aspecto e de côr intensa. Separados em várias tribos, se governam nos costumes esquisitos tanto na paz como na Guerra. As suas armas, os seus instrumentos de música, os seus dobrados escaleres e as capas de pele com que cobrem o corpo totalmente nú, se vêem desenhados nas estampas das mesmas viagens. Os espanhóis possuem a Costa Patagônica, e são obrigados a sociar com estes índios.

Subvariedade "b" — Os pampas que são os que habitam ao sul do Rio da Prata e que se seguem logo depois dos patagões, não têm tão forte ou escura a sua côr; poderá ser que o grande frio do interior daquelas campanhas, denominadas pelos espanhóis de "Pampas de Buenos Aires" e donde vem o nome a estes índios, seja a causa de parecerem mais claros. Além das notas já ditas na variedade — Americano — que igualmente pertencem, se lhe observa mais o terem o occipite ou parte posterior da cabeça — chata; são mui experimentados no exercício de andar a cavalo, galopando a trinta e quarenta léguas por dia, de cujo modo fazem os seus insultos às Estâncias de Buenos Aires, retirando-se logo prontamente, não obstante estarem em amizade com esta Nação.

Subvariedade "c" — Os *Mimuanos* não tem as ventas do nariz e as maçãs do rosto tão intumescidas como geralmente todos os índios: estes são pela maior parte corpulentos e bem feitos, porém as mulheres quase tôdas de meia estatura, as mais feições são iguaes às do americano. — "*Do seu Traje, Casas e Comidas*" — Os cabelos soltos e eriçados de que procede não crescerem muito, cobertos pelas costas até os calcanhares com os "cayapis" ou grandes mantas de couro descarnado e sovado, com o pêlo para o corpo e o carnal para a parte de fora, atados com uma tira do mesmo couro por cima dos ombros e por diante do pescoço, envolvidos desde a cintura até o joelho com volta e meia de pano de algodão, são estas as suas gerais vestimentas. — Aos "cayapis" que êles fazem de peles de veado ou de vitelas, sovadas e descarnadas, e cosidas umas às outras, ou enfim de couro de alguma vaca nova, pintam pela parte exterior, que é a do carnal, com umas listras ao comprido, e

atravessadas de encarnado e cinzento: aquela côr tiram da terra de "ocra" de ferro que se encontra em abundância nos regatos dos galhos do rio Cassiquy (Cacequi) (...) ou de algumas cascas de paus e a cinzenta do mesmo lodo ou pantano que em algumas sangas depõe as águas. — As suas mudáveis casas costumam armar sôbre alguma descoberta colina, e raras vêzes junto ao mato: umas pequenas esteiras feitas de uma palha semelhante a tábua, e alguns couros de reses, tapam, ainda que mal, três lados da casa, e a parte superior, que serve de telhado, onde pelo mais próprio usam das tecidas esteiras, para deixar escorrer a água de chuva. A quarta parede serve tôda de porta e as suas alcatifas, ou assoalhos, são a própria terra, e alguns pequenos couros dentro delas: não se podem acomodar mais do que até cinco índios: alí dormem, alí comem, alí cozinham, porém mais limpas as têm do que ao seu próprio corpo que nunca vê água, senão quando lhe chove em cima; a êstes ranchos lhe chamam — "toldos" — e ao seu ajuntamento — Toldaria. — Parcos são no alimento, porém da sua demasiada preguiça procede a sua parcimônia; êles têm que ir ao campo carnear as reses ou trazê-las para o pé das Toldarias: esta carne ou a de veados, é pouco assada: e ainda os Carcarás e outras semelhantes aves de rapina, ou alguns avestruzes, são a sua usual comida; a bebida do maté não a deixam enquanto têm desta erva, como também de mascar o tabaco de fumo e conservar a máscara ou entre o beíço superior e os dentes, ou tirando-a da bôca e pondo-a atrás da orelha onde a guardam até que a tornam a mastigar; poucos são os que pitam ou cahimbam, e todos amigos de beber aguardente, e importunos para que lha dêem, com a qual ficam finalmente bêbados. — "*Das suas Armas, Costumes e Religião*". — As flechas que em uma aljava de couro trazem e a tiracolo pelas costas, são por êstes sômente usadas na ocasião de peleja; pouco se servem delas para caçar, e a razão deve ser por que como tudo que é de ferro lhe custa alcançar, e a trabalhar para fazerem os farpões das setas, as reservam como instrumento da sua maior segurança; elas não tem mais de três palmos de comprido, e arco também à proporção, não é muito grande; a pé e a cavalo as sabem disparar. As suas lanças são umas varas compridas e direitas que acabam numa das extremidades com um palmo ou dois de punhal, ou espada, e antes de seu encaixe na madeira, as guarnecem com uma flôr de penas de avestruz; têm cousa de duas alturas dêles; veloz e ligeiramnte se movem a cavalo e a todo o galope. Estas além de serem também dos seus instrumentos bélicos, servem algumas vêzes para chuçar as reses ou touros nos campos ou ainda aos tigres. — As *Bolas* e o *Laço* instrumentos comuns e necessários aos campeiros que êstes campos vadeiam, nêles tiveram a sua origem; com êstes apanham no campo várias éguas, potros bravos e também os cavalos mansos que nestas alvorotadas manadas encontram; com trabalho os chegam a amansar tendo-os atados e débeis pela falta de sustento, servindo-se depois dêles em pêlo, só com um pequeno couro no lugar onde montam. — A faca flamenga

com uma bainha de couro cru, sempre a trazem entalada entre a tanga de algodão e a cintura, pela parte das costas. — Divididos em vários bandos ou tribos, formam os seus cacicados: há entre eles uns que ou pela sua descendência, ou mútuo acôrdo, os dominam, e a estes chamam Caciques; cada um toma sôbre si o seu bando; os seus nomes próprios são — o Salteinho — o Maulein — o Batu — o Tajui — e o D. Miguel. Este último consta ter já estado há mais de vinte anos em uma Estância portugueza servindo de peão, da qual tornou a fugir para os seus; a sua vestimenta é uma camisa, sôbre a tanga de algodão e às vêzes um poncho bichará (os *Ponchos* de que tanto uso se faz neste Continente, tem a figura retangular como de um cobertor, com uma abertura no centro, pela qual os enfiam na cabeça, assentando sôbre os ombros e caindo a metade para diante e a metade para trás; há os de diferentes qualidades e valores: os mais ordinários aqui chamam *Bicharás*; são de um ralo tecido de lã à imitação do burel, com suas listras de diferentes côres, e uma curta franja em roda. Não excedem o preço de Peso e meio de prata forte; na cidade de Buenos Aires outros mais finos e bem fabricados, a que os espanhóis chamam de *Pala*, vendem por seis ou oito Pesos fortes. Também fabricam outros em Missões, de algodão, com diversas côres, mais finos e dão pelo valor de doze a dezesseis Pesos dos ditos, e estes são à semelhança de uns ricos de tecido de algodão finissimo e listras de côres delicadas, que se aprontam na cidade de Paraguai e visinhas povoações, e do custo de noventa a cem Pesos fortes. Dêstes se servem as pessoas mais ricas também para cobertas de cama). Traz de mais o Cacique D. Miguel, um chifarote de guarnições amarelas, que é provável obtivesse de algum Auxiliar da Fronteira do Rio Pardo, onde eles costumam ir às vêzes em sinal de paz. Outros dos minuanos trazem os cabelos e cabeça atados com um pequeno e sujo lenço; outros, principalmente os do Cacique Tajui, usam um "sisi", que é uma pequena figura chata de fôlha de latão amarelo do comprimento de uma polegada e entalada pela ponta de uma das extremidades em uma tênue abertura que fazem no beijo inferior; outros usam no mesmo lugar de uma agulha de coser. — Este Cacique Tajui cobre a cabeça com uma redonda mitra de pele de onça e com suas rodela do mesmo latão gravadas nela, da qual baixam dois cordões vermelhos dependurados. Ele é alto, bem proporcionado e desembaraçado. — O Salteinho é já velho e traz marcada sôbre o nariz e sobrancelhas uma cruz de três riscos, feita com algum ferro em brasa, e que permanece na côr cinzenta de outra igual cruz que usa uma de suas mulheres, já idosa, a que eles chamam Maria Rosa. — O Batu é alto, velho, carrancudo e feio. O D. Miguel é mais baixo, gordo e moço e de semblante alegre, e mais racionável. — Costumam estes índios minuanos, em sinal de sentimento quando morre algum dos parentes mais chegados, ferir as costas com golpes ou pequenas picadas, algumas das mães chegam a maior excesso na sua mágua pela falta dos filhos, cortando as falanges, ou partes externas dos dedos mínimos, pelas

juntas. Ação bárbara, se foi obrigatória, se tem desvanecido muito, de sorte que presentemente raros executam. — São casados com várias mulheres, em número de duas até cinco, as mais velhas vão desprezando, e só trazem consigo nas avulsas jornadas as mais moças; pelo ajuste ou convenção entre o noivo e os pais da noiva se efetua o casamento ou entrega da espôsa ao seu marido, tendo procedido uma prática ou larga conversa da sua mãe à minuana, sôbre as obrigações daquele estado. Elas têm de servir o marido em ajuntar lenha para o fogo, em fazerem os assados para comerem, e em lhe encilharem os cavalos, aos que têm os preparos para isso, que sômente são os caciques e suas mulheres. — Estimam, gostam e diligenciam para que se lhe dê tudo o que precisam de regalo, porém postos em necessidade fazem as suas viagens a algumas das povoações meridionais de Missões, ou a Guarda de São Martinho, ou finalmente às Estâncias portuguesas e Fronteira do Rio Pardo, conduzindo alguns cavalos dos seus apanhados no campo, pares de Bolas e Cayapís novos para trocarem por erva-mate, panos de algodão, facas flamenças, tabaco de fumo, aguardente ou alguns freios. — Aborrecem aos índios tapes, e não se dão muito com êles, os quaes não deixam de lhe terem algum medo, vista a sua maior coragem e resolução, que têm praticado com êles em algumas vêzes. — Vivem os minuanos em um estado prôpriamente livre, entre os espanhóis e portugueses: àquêles se queixam dêstes e a êstes daqueles, principalmente quando dão com pessoas de inferior qualidade que lhe gostam de ouvir êstes errados sofismas. Contudo ou pelas dádivas que com mais franqueza encontram nos portugueses, ou por outra qualquer causa pende mais a sua inclinação por esta Nação. — Quem poderá haver tão falto de razão, que do Ente Supremo negue a existência! Se o mesmo Batu da gema dos minuanos, falto de discursos, e combinações, responde apontando para o céu... Só quem ali existe, Senhor é, das vidas humanas mortas... E' certo que êles não são tão cruéis como os índios tapes, não consta que os minuanos jamais matassem a algum português ou espanhol, posto que o encontrassem só, ou perdido pela campanha, como costumam várias vêzes fazer os guaranis.

Dos seus Idiomas, Número e Habitação. — Agradável e veloz é a sua linguagem, muito diferente da dos tapes e bem semelhante e talvez idêntica a dos índios da América Setentrional, aos quaes se assemelham bastantes nas feições. Quem sabe se êles são os mesmos? Quem sabe se esta pequena porção de minuanos que hoje habitam as terras austrais do Brasil de lá trouxe a origem? Para o decidir êle era necessário serem mais antigos os conhecimentos que tivemos dêste Nôvo Mundo. — De trinta até cinqüenta indivíduos é regularmente o número de cada Toldaria, isto que me faz persuadir que não chegam a duzentos no seu estado atual, e que quantidade tão proporcionada para serem de repente apreendidos e repartidos pelos povos cultos das duas Nações que possuem esta parte do Continente? Ah! Se êle fôsse tão fácil à corôa de Espanha

sujeitar os Pampas, os Estancieiros das vizinhanças de Buenos Aires mais sossegados dormiriam nas suas camas. Assim muitos se reduziram à Fé católica, os pequenos filhinhos nascendo no grêmio da Igreja mais facilmente abraçariam, esquecidos da liberdade dos campos, os adultos não responderiam quando se lhes pergunta: — Por que se não queriam batizar — Que os cristãos trabalham muito para terem que comer e vestir, e que eles naquele modo de vida passam com maior descanso. — E finalmente se os tapes em número incomparável se domesticam, por que não a estes?... — As bexigas tem diminuído consideravelmente a sua geração nêstes últimos anos levando-lhe tôdas as crianças. — Quando os espanhóis não povoavam com as suas novas Estâncias as vertentes mais meridionais da Lagoa Miri, como por exemplo as do rio Sabulaty, alí é que eles estendiam as suas mais numerosas Toldarias, depois expellidos pelos espanhóis, vieram retirando-se mais ao norte, até que presentemente entre os rios Bacacay, Cassiquey e Ybicuyguacú, e ao norte do Cêro de Mbatobi, é a habitação do resto dos seus volantes Toldos, não deixando de chegarem às vêzes até a costa ocidental do rio Uruguai.

Subvariedade "d" — Os tapes têm as ventas dos narizes grandes e como inchadas, as faces altas e cheias, os cabelos sômente no extremo da barba e no beijo superior: não são de estatura mui alta, e as mulheres quase do mesmo tamanho que eles, e maiores do que os minuanos. — Êstes índios habitam o que nós chamamos presentemente Continente do Sul ou desde a costa de leste do Paraná (por que do outro lado já são os Paraguays) até a praia do Mar Oceano, e desde o Rio da Prata até as últimas pontas meridionais da Cordilheira Geral da costa do Brasil. À medida que se foram aumentando os nossos estabelecimentos do sul, parte pequena dêstes índios ficaram entre nós, de que se formaram as poucas aldeias que possuímos. Parte se retiraram às Missões do Uruguai, onde estavam então os Padres da Companhia reduzindo-os, uns se reuniram aos minuanos, outros persistiram ainda por muito tempo levantados nestas campanhas. — Na presente conformidade, eles estão como os africanos na Europa nascidos, cultos, religiosos e civilizados. Os Padres da Companhia lhes ensinaram as Doutrinas e as Artes (pág. 231 a 237).

Minuano (Vento) — Veja o verbete *Ventos*.

Monte Grande (32). — Nas imediações do Rio de Janeiro é conhecida com o título de Serra dos Órgãos, tal é a figura que representa: em o nosso Continente do Sul simplesmente lhe chamam Serra, e aqui — do Monte Grande, — posto que com mais naturalidade a denominavam os Padres da Companhia — Serra dos Tapes

(32). — O "Monte Grande", acampamento de onde José de Saldanha datou seu *Diário Resumido e Histórico* em 10 de novembro de 1787, é Santa Maria. — Rios, lugares, serras que estuda e descreve, deixam claramente exposto o local do "Monte Grande" que não é senão Santa Maria da Bôca do Monte. O local do Acampamento está assim descrito nas págs. 299-300.

— como se vê nos planos antigos da Missões (33). — Na pág. 254 havia, antes, escrito José de Saldanha: — Do lado de oeste as colinas são mais baixas, sem tanto arvoredo, e terminam no Ibicuí-miri, à distância como de uma légua, e menos, de sorte que este rio sai da Serra uma milha ao ocidente da Bôca do Monte Grande. Aqui houve antigamente uma estância invocada de São Lucas, habitada pelos índios, erigida pelos Padres da Companhia. (Veja o verbete *Caaroque*).

Motucas — (...) é o sinônimo com que os portugueses, no Brasil, explicam as moscas que perseguem os animais no campo; há outras pardas e maiores a que os espanhóis chamam “tabanos”. — E’ penoso o transitar por estes campos visinhos das serras (do Albardão-Grande e São Martinho) e dos seus matos no tempo de verão, quantidade infinita de mosquitos, moscas, motucas e tabanos, perseguem não só os cavalos, mais ainda a gente, dando dolorosas e repentinas picadas (pág. 252, nota e texto).

— N —

Nachiu — Dois arroios nomeados são os seus braços: um da banda do sul, outro do norte: aquê que Nachiu pelos índios se chama — ou dos Mosquitos — tem a mediania das suas singelas cabeceiras (...) na dicotonia da coxilha de Cassiquey com a Grande... (pág. 260). — Na pág. 231 escreveu: O largo e vasto campo que as águas ajunta para este pantanoso arroio de Nachiu, é todo baixo, compesto de multiplicados vales com sangas de atoleiros, despovoado totalmente de arvoredo e sòmente impregnado de número infinito de uns mosquitos ruivos (34).

Nomes Indígenas dos Animais — Veja-se o verbete *Gado Alçado*, *in fine*.

— P —

Pampas — Contam os viajantes das Pampas ou campanhas ao sul de Buenos Aires, que sendo aquelas prodigiosamente planas, ou de mui suaves ondulações de terrenos por dilatados espaços, o que representa uma agradável vista, e horizonte sem bosque algum, encontram contudo de quando em quando uma alta subida, e às vêzes custosa pela desigualdade, e à imitação de degrau para estes diferentes pavimentos em que está composta a superfície da Terra,

(33). — No mapa que acompanha o *Diário*, figura nas proximidades o *Oratório de Santa Maria*, o que nos faz crer que o Acampamento de José de Saldanha e Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara aí instalado, ficava junto à antiga sede de Estância Jesuítica onde existia um Oratório consagrado à Nossa Senhora. Infelizmente Saldanha não foi tão minucioso na descrição deste Acampamento, como o fôra na dos anteriores, muitos dos quais nem sequer deixaram vestígios de sua passagem.

(34). — Este arroio e o Capayu são os dois galhos da nascente do Cassiquey, segundo Saldanha.

elevando-se cada vez mais desde a costa para a contra-costa, ou Mar Oceano para o Pacífico (pág. 283).

Pampas (índios) — Veja o verbete *Minuanos*.

Pará-Mirim — Veja o verbete *Lagoa Mirim*.

Passo e Arroio dos Ferreiros — À imitação do Passo de Santa Maria é o dos Ferreiros ou pouco mais estreito, — o seu caixão de água, — demora légua e quarto a noroeste do de Santa Maria. Êste arroio é denominado assim desde a demarcação passada, por terem os ferreiros armado aqui as suas forjas de campanha quando passou o Exército de marcha do Jacuí para o Monte Grande (pág. 279).

Passo do Ramires — Feito antigamente por um capitão português dêste apelido, está situado no dito Piratini menor acima da forqueta grande. — Deixando êste nôvo atalho, entramos na estrada geral que vem do Passo do Ramires ou pela Coxilha da Forqueta Grande dos dois Piratinis (pág. 169).

Peixes — Dos rios e arroios do Rio Grande — abundantes dos peixes próprios dêstes arroios (texto, pág. 191). E em nota na mesma: Nos poços dêstes arroios e rios d'água doce se encontram pela maior parte quatro diferentes qualidades de peixes: os Bagres, Pintados, Jundiás e Peixe Rei, e outros demasiadamente pequenos de que se não faz uso algum. Daqueles ainda alguns se pescam mais por divertimento e debique do que por necessidade, pois que o alimento e quase único é a carne das reses em que tanto abunda o país. — Nos lagos de uma canhada do 2º galho do Ibicui-guaçu, (...) em alguns lugares de fundos e largos poços (...) sem correnteza perceptível, e onde se criam Peixes de incrível grandeza... (pág. 210, texto. E em nota, mesma página): Causa admiração ver tão longe das costas do mar, peixes só dêle próprios: êstes que pescamos na sobredita canhada (espalhada pela várzea em pequenas lagoas, e que entra no rio Ibicui-guaçu), são do tamanho de grandes pargos com escamas e bastante espinhos. Os espanhóis lhe chamam "traliras" e os achamos preciosos para a comida.

Pelado — Cêrro Pelado — diz Saldanha à pág. 180, em nota, — que se êste vulgar cêrro mereceu ter semelhante nome, foi em comparação de outros, mais a nordeste e vizinhos, cheios e coroados de bastante arvoredado aos quaes se chama Serra dos Tapes, por que até ali habitavam êles ainda depois de possuímos os terrenos immediatos à costa do Brasil. Nêstes Cêrros que estão ao norte do Piratini se termina a campanha dobrada, e segue para leste a várzea composta ou de baixas coxilhas, ou ondulações do terreno, pantanais e areais até a praia do Mar Oceano, immediata à Barra do Rio Grande de São Pedro e na Lat. austral de 32º. — E no texto da mesma página: — Seguimos depois por uma ponta de coxilha alta, dobrada e de infinitas voltas que vem do Albardão do Cêrro Pelado entre dois galhos laterais para o Caróya...

Pelotas — são uns mínimos e portáteis barcos formados de couros de que usam nêste Continente para passarem nos passos dos

arroyos ou rios, a nado. As mais vulgares “pelotas” são de dois feitos — umas de figura de um tabuleiro, compostas de um couro de vaca, sêco e descarnado, que já trazem para êste fim, e a que chamam “lizar”; sendo as reses abertas pelas costas, tomam-lhe os cantos com uns pontos de uma tira estreita de couro, e prendendo-lhe em um dos cantos outra mais comprida, pela qual a puxa e guia o nadador, fazem-lhe um pequeno lastro de ramos verdes, e depois a carregam ou de trastes, ou de passageiros, um a um. Outras são construídas de um grande couro de touro, fresco, que antecedentemente vão tirar ao primeiro que encontram no campo, dos chimarrões, e trazendo-o sôbre o cavalo, o frangem em roda com um laço, isto é, uma corda formada de quatro tiras de couro entrançadas, e o reduzem depois de trastes, à figura de uma grande bacia, ou cesto redondo, sôbre o que passa por cada vez um passageiro. Aquêles têm o perigo de se desmancharem e irem a pique depois de terem feito duas ou três viagens; estas pesam muito e cansam o nadador, que as tira, obrigando-a a largá-las (pág. 201).

Pés de São Miguel — Ainda ao descrever as picadas do Monte Grande, diz José de Saldanha (pág. 255): — Há aqui (na segunda picada), mais ao poente, fora da estrada a pouca distância e dentro do mato um cerrito, ou monte agudo, cheio todo de arvoredo, de custosa subida a pé, e que termina em uma grande pedra quadrada, sôbre a qual afirmam os índios tapes, se acham esculpidas as plantas dos pés do Anjo São Miguel, de uma das três vêzes que êle baixara a pregar-lhes abraçassem a Fé Católica; é verdade que se vê em a dita pedra, duas pequenas escavações que poderiam em algum tempo representar a effigie das solas dos pés, porém já hoje não têm semelhança alguma ao que respondem proceder de várias lascas que lhe têm tirado para Relíquias. Junto desta pedra puseram uma grande cruz de madeira, e nela quase sempre lhe conservam uma pequena bandeira de pano branco, na extremidade de uma cana naquela cruz, e nas vizinhas pedras se divisam vários nomes escritos em guarani, que já pouco se percebem (pág. 255).

Pirai — Piray é um nome composto das palavras guaranis — Pira — peixe — e — y — água, isto é água ou arroio de peixes. Talvez aludissem ao pescado que é natural haja nos seus fundos poços. O “guaçu” ou “miri” que lhe ajuntam aos dois galhos, significam “grande” ou “pequeno”.

Pirai-Mirim — galho do rio Negro e ficando a légua e quarto distante da Fortaleza de Santa Tecla (pág. 172-173). — Tôdas as caídas e vertentes para o norte do Albardão Grande desde meia légua a leste do nosso Acampamento nas cabeceiras do Pirai-miri, formam 3 galhos de que resulta o arroio Colorado (pág. 191). — Veja os verbetes *Colorado* e *Pirai*.

Piratini — *Jaguarão* — Os índios tapes, antigos habitantes desta parte do mundo, foram os seus nomencladores, assim entre o idioma guarani é que devemos procurar as suas traduções. *Pira* quer

dizer — peixe, e *Tini*, — som, estrondo ou zunido, explicando desta forma — Zunido de Peixe — originado de uma espécie de motim ou bulha que fazem os peixes no rio. — Da mesma sorte, ao que nós chamamos por corrupção das línguas — *Yaguaron* —, escrevem elles “Yaguaru” que significa — animal próprio dos rios, — à semelhança, no que persuado, às lontras que não faltam naquêles rios. — Tudo está em movimento quando se avista no Acampamento geral de Piratini, todos se juntam, todos se apromptam para o dia em que o principal Comissário mande dar princípio à marcha (pág. 168) (35).

Pombas — As pombas que elles (os índios guaranis) querem explicar nesta palavra (Apicasu, — veja o verbete), não são as domésticas, porém, sim, as do campo e dos bosques, do tamanho daquelas e semelhantes às rolas, e de côr cinzenta (pág. 246).

Poncho — *Poncho Bichará* — *Pala* — Veja a descrição no verbete: — *Minuanos*.

Porco Espinho — Sôbre a marcha se encontrou pelo caminho ao Porco Espinho próprio do Brasil, e com notável diferença dos ouriços caixeiros da Europa; eu não tive a comodidade de o reduzir verdadeiramente ao sistema de Linneu, porém sempre me persuado que é o — *Hystrix-Prehensilis* — de que elle fala, do tamanho de um gato, porém mais curto, com o focinho e cáuda sem pêlo, e esta comprida e com a qual se agarra aos ramos: por entre o cabelo brando e cinzento que lhe cobre o corpo, está cheio dos espinhos não pequenos e durísimos dos quaes é verdade se serve quando se embravece, despedindo-os de si e encravando-os no que mais perto o ofende: dizem também serem venenosos, e com semelhante comoção desmancha antes de o matarem a compostura de seus espinhos (pág. 177).

Porco do Mato — Às leis da Natureza obedecem todos os corpos. O Supremo Ente Criador parece que a todos pôs seus limites. Não só admiramos a ordem invariável dos movimentos dos planetas nas suas órbitas, não só o perene círculo de transmutações infinitas entre tôdas a matéria corpórea, mas ainda a repartição do mundo para tais e tais animais. Os próprios da América não nascem na Europa, os da Ásia não produzem na Libia ardente. Dos javalis não têm notícia alguma os americanos ou índios ocidentais, assim também os europeus desconhecerão os Porcos do Mato naturais do Brasil, se não fôsseem os descobertos, as navegações e finalmente as assíduas descrições de História Natural. Eu imparcialmente entre um grande sistemático e um grande escritor, quaes Mr. Linneu e Mr. Buffon, não farei mais do que examinar êstes animais com

(35). — É possível que talvez esteja na quantidade de lontras do rio Jaguarão, conjugado aos desbarrancamentos do rio, a lenda do “Jaguarú”, animal fantástico que escavava as margens do rio, à altura das águas, provocando os desmoronamentos que levavam consigo animals e pessoas descuidadas, jogando-as às águas onde o “Jaguarú” as agarrava, carregava para longe e, abrindo-as, delas apenas aproveitava o fígado, jogando o resto novamente às águas.

êles à vista, e acrescentar, ou suprimir, no que na verdade diferirem nas suas descrições. Isto é o que reservo para o Suplemento de História Natural a todos os *Diários*, e aqui somente referirei aos animais que casualmente se encontrarem, e dêles uma suscinta notícia de passagem. — Nesta marcha se viu atravessando a estrada um grande lote de Porcos do Mato a que os índios chamam Tayassu: com êste nome, pôsto que com diferentes letras, os descreve Linneu, reduzindo-o a “sus Tajacús”, cuja resumida descrição é a seguinte: — Mais pequenos que os nossos porcos domésticos da Europa, têm êstes o corpo cinzento, uma mancha amarela desmaiada a roda dos ombros, uma cruz negra sôbre o nariz, os pés e mãos mais escuros, e nestas uma malha branca sôbre cada Joelho. As sedas rijas por todo o corpo a exceção no interior das pequenas orelhas onde os cabelos são brandos, negros e raros. A grossura calosa a roda da bôca e sôbre o focinho. Uma glândula excretória à imitação de um umbigo sôbre as costas com o cheiro almiscarado desagradável. Dentes dianteiros 4 de cima e 6 debaixo. Sem cáuda alguma. Frequentemente se encontram nêstes bosques do Brasil; não costumam investir. Servem para a comida estando gordos de outra sorte não se pode aturar o fartum da sua carne (págs. 171-172).

Portenho — Nome que dão os espanhóis aos nascidos em Buenos Aires, ou crioulos daquela cidade, por motivo de ser ali o primeiro pôrto que tiveram, e diferenciando-os assim dos filhos da Europa, ou dos índios naturais da América. — Caróya, mulato portenho, antigo roubador e vaqueano desta campanha, servia-se do dito rincão (do lado ocidental duas léguas acima da entrada dos seis galhos da cabeceira no Icabaquá) oculto para as suas inverna-das e esconderijo das cavalhadas que furtava, ou arreava. Dêle ficou o nome dêste arroio — Caróya (pág. 183). — Veja o verbete *Caróya*.

Posto de Santo Inácio — nas caidas para o Ybirayepiro. — Terreas, cobertas de capim, ou brava grama, com paredes de páu a pique e de barro amassado, é o modo da construção das suas casas, por distintivo costumam cair a Ermida, ou pequena capela, que se acha em cada uma destas Estâncias, para as cantadas rezas dos índios, acompanhadas de tambores e viola, ou flautins, como as gaitas dos pastores. — Abundante de gado, cavalhada e algumas manadas de carneiros, fornece as reses para o consumo da Guarda de São Martinho (pág. 289).

Potreiros — chamam a um pequeno campo perfeitamente fechado entre duas restingas. — O campo examinado nêste dia constava de um rincão e de um potreiro, cercados por oeste com o arroio de Santa Maria, de que toma o nome, pelo sul com o Arenal ou Bacacai-mirim: pelo norte com o mato da Serra e pontas do rio Araricá, e por leste com a grande restinga de bosques que principiando desde o Bacacai-mirim, pouco acima do seu passo chamado do Arenal, e atravessando na direção do norte a Coxilha da Forqueta Grande no lugar das Tronqueiras, vai terminar no Ara-

ricá. Esta coxilha que é aqui de lombas baixas, forma com as suas colinas laterais este Rincão de Santa Maria de comprimento de duas léguas e dois terços e de largura de duas e meia; passa pelo picacho do Cêrro de Santa Maria cujo se acha meia milha ao sul da Serra, e na figura de qual outro Cuñatay-cambi, mais a sudoeste três quartos de milha, tem outro cêrro mais baixo e redondo, do qual seguindo o arvoredo pelas suas caidas meridionais, formam o dito Potreiro entre esta restinga e o próprio arroio Santa Maria no comprimento de quase duas léguas norte-sul (pág. 276).

— Q —

Querência — Veja o verbete *Carência*.

— R —

Ramon Pequeno — chamavam os espanhóis a um antigo vaqueano português, Romão, que, parece, foi o primeiro que abriu este passo só próprio para gente de a cavalo. — Além dos dois galhos do rio Negro em um dos quaes se acha o Passo de Ramon Pequeno sempre com abundante água corrente (pág. 205).

Rancho — Veja os verbetes *Gramma*, e *Posto de Santo Inácio*.

Restinga — Veja o verbete *Capões*.

Rezas — Veja o verbete *Gramma*, *in fine* e verbete *Posto de Santo Inácio*.

Rincão — Exprimem com este têrmo a um terreno fechado com alguns arroios, rios ou cordas de matos por outro nome restingas, ou ainda cercado de alguma serrania, ou canhadas pantanosas. — Para completar uma exata configuração da união das vertentes do rio Negro com o seu galho meridional, o Ceibal, fui neste dia do Acampamento português ao interior do Rincão da Fortaleza (de Santa Tecla), até avistar as suas forquetas, e marcá-las (pág. 175).

Rodeio — lugar onde se juntam os animais. O rodeio de gado nas Estâncias costuma ser sempre sobre as lombas mais altas e redondas, para as quais os cavaleiros o conduzem dos diversos rincões das Fazendas: o gado chimarrão ou bravo executa naturalmente o mesmo todos os dias por um regime particular: pelas tardes eles sobem das várzeas ou vales onde têm pastado a grama mais tenra, para o alto das coxilhas, e posto que ali sofram mais a inclemência dos temporais, contudo não estão tão expostos aos assaltos dos tigres e leões (pág. 226).

— S —

Salsos — são umas árvores altas, com vários ramos e fôlhas compridas, porém estreitas, e de côr verde-gáio, em tudo semelhante aos salgueiros. — Entre seu mato (do arroio "Sauce") que só é mais remarcável junto da sua barra, tem salsos altos, como tam-

bém junto do Passo estas árvores próprias da borda da água, e a que os espanhóis chamam — Sauce — dão em muitas ocasiões o nome àquêles arroios que ainda não o tinham (pág. 223).

Santa-Fé — Veja o verbete *Gramá*.

Santa Maria da Bôca do Monte — Veja o verbete *Monte Grande*.

São Borja — Veja o verbete *Mbocaberá*.

São Jerônimo — Lagoa ou lago (...) tem a maior extensão de leste a oeste, de 160 braças pròximamente, e na largura cem; a sua figura é quase elíptica ou oval, e no seu centro sempre a nado (...). Corre para leste pela continuação da canhada cheia de alguns arbustos e macega até entrar no arroio São Jerônimo. E' provável crie alguns peixes e nela se conservem, como também de supôr que fôsse feita para a aguada às cavalhadas e gado da Estância que parece existiu, cujas provas tiram dos diferentes arbustos que permanecem sôbre a vizinha lomba ou colina notada ao norte dêste lago, próprios dos lugares onde houve antigamente algum rodeio ou ajuntamento de animais. — O arroio de São Jerônimo é afluente do rio Vacacaí, cujo Passo, nas proximidades, chama-se de São Jerônimo (págs. 225 a 228).

São Martinho — Veja o verbete *Guarda de São Martinho*.

Sarandí — Compõe-se o Pirai-guaçu de seu galho Sarandí e do Pirai-mirim. (...) O galho Sarandí nasce do recanto meridional que faz a dita geral Coxilha com a Grande, mais a leste, e ao norte do que as cabeceiras do próprio Pirai-guaçu, no qual entra pela costa oriental com bastante água corrente (págs 203-274). — tem em partes seus pequenos capões de mato todo o restante é bordado de Sarandís (pág. 210).

Sepulturas — (Sepulturas indígenas) — A ordem das cousas me conduz a tratar primeiro das sepulturas dos índios nacionais dêste Continente do que dêles. — Acham-se sôbre alguns cêrros de figura própria, como por exemplo a de um sino, um pequeno monte de pedras brancas e do tamanho de um palmo, com pouca diferença. E' o sinal, segundo afirmam alguns, de se haverem sepultado outros índios dos quais os parentes ajuntaram aquela ruma de pedras sôbre o seu corpo. Eu, examinando o terreno inferior a estas pedras, jamais encontrei os ossos ou fragmentos dêles, e só, sim, grande quantidade de formigas, aranhas, lacráias, escarabeus ou caroches: isto que prova a forte podridão, ou fermentação pútrida que experimentou aquela paragem, não me admirando, por isso, de se não toparem os ossos: porquanto não sendo costume entre os índios, segundo dizem, naquele tempos enterrarem os corpos, e só sim o cobrirem-nos com estas pedras, é bem de inferir que melhor obra a ação do tempo e ar sôbre os ossos, atacando-os e resolvendo-os à terra calcárea. — (...) duas milhas e meia acima da sua barra (do arroio Caroya), está o cume de um monte, ou serra, perfeitamente redondo e bastante alto, em figura de pirâ-

mide obtusa, sôbre o qual encontramos os sinais de ter sido sepultura dos índios tapes, ou minuanos (pág. 183).

— T —

Tagurus — chamam nêste país aos capões altos e maiores, e cupins são uns montículos de terra de altura de um até quatro palmos, em figura cônica ou hemisférica, que as formigas fazem nas várzeas alagadiças para se livrarem das águas subindo até os últimos repartimentos. — (Veja o verbete *Cupim*). — O terreno cada ve mais baixando, de sorte que a última meia légua encostada ao rio, já é várzea plana e macegoza com *Tacurus* e capões de mato dispersos pelos banhados (pág. 222). — (Examine-se a definição dada por Saldanha com o que refere no texto acima citado: “várzea plana e macegoza com *Tacurus*...”).

Tayaçu — Veja o verbete *Porco do Mato*.

Tajui — Na margem do Passo geral dêste rio (Cacequi) estava a toldaria de minuanos do Cacique Tajui. Em todo o dia fomos importunados das suas visitas (pág. 241).

Tapes — Veja o verbete *Minuanos*, — última parte, “subvariedade b” (36).

Tapes (Serra dos) — Veja o verbete *Pelado*.

Taquarembó — nome próprio da língua guarani, que exprime os galhos ou ramos das grandes, altas e grossas canas que costuma haver dentro dos bosques, as quais chamam “taquar”. Com a mesma palavra “*Taquarembó*” explicam os pequenos caniços, ainda que sejam de diversa espécie, e disto apropriaram o apelido ao presente rio, cujas vertentes principiam nas “faldas ocidentais da Coxilha Grande”, indo incorporar-se ao Ibicui-guaçu “pela costa do nascente na direção de noroeste 64^o” (pág. 216).

Tigre — Em os pequenos capões, isto é bosques de pouca extensão e separados, próximos a êste pouso e na referida canhada, se viu esconder um casal de tigres, que depois de se deitarem os cães, finalmente a tiros se mataram. — Dêstes animais ferozes, a notícia é já mais vulgarizada na Europa. O sábio Linneu assás bem o reduziu a *Felix Onça* — e a sua breve descrição é suficiente

(36). — Queremos aqui, aproveitando a oportunidade, dizer que os chamados *Índios Tapes* nada mais são do que membros da tribo *Guarani*. É o que também deixa entrever claramente José de Saldanha na sua nota sôbre os tapes e sempre que fala nos “índios tapes”. Aliás, segundo verificamos em *Cartas Anuas* dos Padres da Companhia de Jesus, das Missões Orientais do Uruguai, o nome *Tapes* foi por eles dado aos indígenas reduzidos para os diferenciar dos não reduzidos ou selvagens, de vez que a palavra *Tape* quer dizer simplesmente — morador em aldeia ou povoado, — ou, conforme diz Montoya (ob. cit.) — do lugar onde existe povo. — Na sua *Carta Relación* diz o P. José Cardiel S. J. (publicada pelo P. Guillermo Cardif Furlong — Librería del Plata, Buenos Aires, 1953) referindo-se aos chamados tapes: — “... parti para as Missões dos guaranis, que vulgarmente os espanhóis chamam de tapes”.

depois dos caracteres da Chave Sistemática com que concorda com outros diferentes quadrúpedes. Mr. Buffon dá dêles uma larga descrição, e melhor que a estampa, debaixo do nome de *Pantera*, e por satisfazer a minha obrigação ajuntarei aqui as seguintes palavras: — Esta fera natural da América tem tôda a analogia com os gatos e seus costumes, e só diferem no doméstico, na côr e no tamanho: é pouco mais alto do que um grande carneiro, porém, mais comprido. O corpo amarelo com malhas negras arredondadas, em cujo interior tem uma, duas ou três pintas pretas. O ventre branco com pintas pretas; muito mais sagaz nas diversas caçadas de vitelas, potros, veados e peixes (pág. 194).

Toropi — Os homens do campo, tanto portuguezes como espanhóis, chamam *Toropi* aos couros do cachaço dos touros, bem descarnados, que não fica mais do que pele, ao cabelo negro, e, depois de muito sovado usam dêles por cima dos arrieiros de montar. — *Toropi* quer dizer — pele de touro, — e *miri* — pequeno. Os tapes lhe puseram êste nome (ao rio), deduzindo certamente de algum fato particular, depois que nêle não se acha termo algum que explique água, arroio ou rio (pág. 295). — Veja o verbete *Vacacai*.

Tronqueiras — E' também digno de se notar a lingüeta de terra que há entre o *Macacay* e o *Araricá* formando três diferentes rincões no espaço de dez léguas e um terço dêste rio chamado as — *Tronqueiras* — (por ser fechado com várias restingas de mato) até o *Yacui* na dita embocadura do *Macacai* (pág. 271).

Tubicha — adjetivo muito usado dos guaranis para exprimir o maioral: chamado, v. g. a um governador — *Tubicha*, — aqui, porém, se deve tomar por maior. — Determinamos nesta derrota a situação de mais dois postos da mesma Estância, entre os galhos orientais do segundo *Jaguari*, — o de São José *Tubicha*, ou maior, (...) e o posto de São Diogo a noroeste do de São Joaquim. Cada um dêstes tem segundo o costume, seu capão de pessegueiros, e os ranchos ao lado, do leste a oeste (pág. 292).

Tupanciretã — A oeste da Estância (de São Pedro — veja o verbete) donde saímos, e seguindo pelo *Albardão Grande* em diversos torcicolos, passamos pelo posto de Santa Maria, a que na língua guarani chamam — *Tupa-si-Reta*, — que é o último desta fazenda (pág. 289) — (...) a extensão do *Albardão* ou *Coxilha Grande* (...) chegou à soma de 64 léguas e meia nas suas voltas mais principais desde as cabeceiras do rio Negro até o posto de *Tupa-si-reta*, ou de Nossa Senhora (págs. 291-292) (36a).

— U —

Umbú — é uma árvore alta, copada, ramosa e de grande tronco, com fôlhas de verde escuro. Os periquitos, araras e outros pássaros nela fazem os seus ninhos, qual inacessível castelo. Não são mui

(36a). — Atualmente escrevemos *Tupanciretã*, de acôrdo com as definições de Teodoro Sampaio e Gen. João Borges Fortes, obras citadas.

vulgares estas árvores nem eu tenho visto as suas flôres para poder reduzir. — (...) baixando pela estrada da várzea de largura de légua e meia, e por cuja mediania corre o Toropi, e saindo pelo seu passo geral chamado do Umbú, o qual estava quase de nado para os cavalos, caminhamos finalmente pela margem pantanosa da banda do sul, e fomos acampar sôbre as lombas... (pág. 242).

— V —

Vacacai — *Bacacay* — Baca, Toro, Cabayu, Burica, etc. são os nomes pronunciados pelos tapes e que êles quiseram apropriar à sua língua corrompendo-os do espanhol, para significarem — vaca, touros, cavalos, bestas muares e animais que êles não conheciam... — *Bacacay* — ou *Vacas Água* — lhe chamam os índios tapes. Dois discursos eu deduzo de semelhante vocábulo: um me dá a certeza do muito gado vacuum que os índios antigamente, e já depois de domesticados pelos Padres da Companhia, criavam e tinham nas suas Estâncias. nos campos dêste rio, de cuja deserção e da de outras fazendas desamparadas, procede a origem do gado alçado ou chimmarrão que tantas vêzes temos encontrado. Outro pertence mais à História Natural, por que com esta reflexão se prova não serem próprias dêste Nôvo Mundo as reses, pois que os índios faltando-lhes no seu idioma o nome, adotaram os nomes espanhóis, posto que com alguma corrupção (pág. 272).

Vaqueanos — são os guias ou práticos dos caminhos, atalhos, veredas, conhecedores do terreno, dos seus arroios, rios e nomes. Custa achar-se um bom e verdadeiro vaqueano, taes são as extensões desta vasta campanha (pág. 181).

Ventos — A respeito dos diversos ventos que sopram no Rio Grande do Sul e suas denominações, assim se expressa José de Saldanha ao encerrar seu precioso *Diário Resumido*: — Poucos dias, principalmente do inverno, se conserva a limpa atmosfera, ou ela ou a terra se carregam de electricidade e produzem as trovoadas: os ventos que as aumentam e favorecem são os nortes e noroestes, chegando às vêzes a furiosos e como furacões, correspondendo-lhes os do sul e sudeste. Com êste último melhora o tempo e arrefece. Nos quadrantes de nordeste e sudoeste só entram como de passagem, sendo-lhes indispensável para passarem sul para o norte, correrem pelo de nordeste, como também para se mudarem do norte para o sul o caminharem primeiro por sudoeste. Esta lei é inalterável e constante em todo êste Continente do Sul, só com a differença que noutras partes, por exemplo no Rio Grande de São Pedro e nas latitudes ainda mais austrais, os ventos mais persistentes são os do nordeste e sudoeste. A êste último chamam *Minuano*, ou *Pampeiro*, procedidos êstes nomes por virem ou dos Pampas de Buenos Aires, ou mais occidental, da banda dos índios Minuanos. Esfria êste vento de tal sorte o ambiente que faz baixar o azougue no termômetro Farenheit ao grau quarenta e quatro (págs. 300-301).

Yaceguá — Julga-se que o vocábulo Yaceguá é dos Minuanos, pois que entre os guaranis se lhe não acha versão (pág. 204). — A grande campanha do Yaceguá... (37).

Ybaaro — segundo galho do Jaguari, que nêle desagua também pelo lado do sul. (...) Ybaaro é o nome próprio com que os tapes expressam as frutas amargosas (págs. 221 e 222) (38).

Ybiramiri — O arvoredo que borda as suas margens é bastantemente diminuto e composto de pequenas árvores. Disto deduziram os tapes o nome que lhe puseram de Ybirámiri — ou Pau Pequeno (pág. 193). — Conforme se vê nos planos da Demarcação passada, puseram o título de Ycabaquá ao que agora achamos geralmente conhecido por Ybirámiri (pág. 197) (39).

Ycabaquá — Em diversas partes dêste *Diário* eu tenho já falado dos seus bosques, da porção avultada das suas águas e dos seus Passos, assim concluirei com o significado do seu nome guaraní: — Ycabá, — quer dizer abespas, e — quá — inquestionavelmente explica — covas. Logo Ycabaquá — vem a ser — Cova de Abespas. — Outros lhe dão a significação de — Grande Correnteza — e outros enfim, — de Água que corre por Covas: — ambas, parece. lhe competem vistas as propriedades dêste rio, — mas a tradução rigorosa é, das três, a primeira (pág. 198).

Ycabaquá-Miri — Não dão o nome de Ycabaquá miri, senão àquela parte dêste rio desde a forqueta do Arroio das Palmas, até o Ycabaquá-maior (...) e a distância reta tão somente de duas léguas e um quarto de milha. Da barra do Arroio das Palmas para as cabeceiras segue o Ycabaquá-miri com o nome de Ybirá-miri ((pág. 189). — Veja o verbete *Ybirámiri*.

Ygi — Desde o Cêrro das Ilhescas, na latitude austral de 33° 40' nós temos notado vertentes e caídas para o Rio Negro: o Ygi, o Cordovez, o Fraile Muerto, a grande canhada de Yaceguá. São tudo arroios laterais que vão a êste rio, além de outros muitos sem nome... (pág. 204) (40).

Yupacarapá — (...) das principais cabeceiras do Ibicuí-guaçu, que descem para o norte da dita geral Coxilha, que o aparta das caídas para o rio Negro, e em cujo lugar consta haver uma lagoa denominada pelos tapes — Yupacarapá, — que vem a explicar — Lagoa Torta (pág. 208).

* * *

(37). — Aliás, há muitas referências ao Yaceguá — Aceguá — no *Diário*, sem tentativa de tradução.

(38). — Em página anterior José de Saldanha refere um arroio "Santo Antônio Ybaaro, afluente do rio Jaguari" (pág. 220) que é o mesmo Ybaaro.

(39). — Este Ybirámiri é afluente das cabeceiras do Ycabaquá.

(40). — Saldanha não traz a definição de Ygi. Parece-nos, entretanto, segundo Teodoro Sampaio, que se possa traduzir por Água Limosa.

Terminamos, aqui, êste *Dicionário* extraído do *Diário Resumido e Histórico*, de José de Saldanha. Queremos, entretanto, esclarecer que está longe de ser completo. O material é vasto. Entretanto, infelizmente, nem de tudo traz as explicações que se faziam mister, não sabemos por que, de muitas, pois de outras afirma que as definições haviam sido dadas nos *Diários* anteriores. Mas, onde andam?

Bastam, entretanto, as que relacionamos e, sobretudo, as de caráter regional na atualidade, como Querência, Capão, Poncho, Bolas, Laço, etc. para lhe dar um interêsse elevado, colocando seu autor, o Bacharel em Filosofia, formado em Matemática, Geógrafo e Astrônomo de Sua Majestade Fidelíssima, *José de Saldanha*, na vanguarda dos tratadistas em matéria de vocabulários regionais do Rio Grande do Sul. Êle foi, sem dúvida, o pioneiro.